



DIA DE DESCONTOS ESPECIAIS

Lojas preparam promoções, mas consumidor está mais vigilante

No Google, buscas para avaliar preços já cresceram 24% em comparação ao período de 2022. *Página 17*



Estudantes entram na final de preparação para o Enem

Faltando uma semana para o primeiro dia de provas, candidatos intensificam os estudos e priorizam os conteúdos específicos de cada disciplina. *Página 7*

Foto: Teresa Duarte



Turismo rural com sabor de chocolate

Visitante pode conhecer todo o processo de produção do chocolate no Engenho Cacau, em Areia.

Página 5

Mais de 64 mil candidatos fazem as provas da PM e dos Bombeiros

A primeira etapa do concurso será, hoje, em seis cidades. São 1,1 mil vagas disputadas por 64 mil inscritos.

Página 3

A história da Cruz da Menina no município de Santa Inês

Tragédia ocorrida com uma família de retirantes da seca no ano de 1800 deu origem à peregrinação.

Página 25



Foto: Edson Matos

Correio das Artes

O primeiro paraibano a integrar a Academia Brasileira de Letras foi o escritor Pereira da Silva, filho do município de Araruna. Há 100 anos era publicado o seu livro mais conhecido, "O pó das sandálias".



Memórias Da implantação do offset no jornal à Petrobras

O engenheiro mecânico Lenine Félix chegou ao Jornal A União com a implantação de novas tecnologias, publicou textos no Correio das Artes e até comandou reivindicações salariais dos colegas.

Páginas 14 e 15

Outubro Rosa

PARA SEGUIR EM FRENTE FIQUE ATENTA AOS SINAIS

PREVINA-SE!
REALIZE OS EXAMES REGULARMENTE

Quadrinho da Paraíba ganha sotaque lusitano

Personagem Maria, de Henrique Magalhães, é premiada no Festival Internacional de Banda Desenhada, em Portugal.

Página 9

■ "No fervor veraz como descreve o gênio de Sivuca, não faltou a Ipojuca Pontes essa lembrança: 'A Paraíba tem o dever de erigir o busto do grande músico'".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Presumo que a poesia estimula meus delírios, e desde logo, chego a ela pensando que poderei viajar com todas as dificuldades dessa arte incrivelmente difícil".

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Editorial

Ler, eis a questão

Ele também está no centro do debate cultural contemporâneo, o livro. Uma das mais engenhosas invenções humanas, enquanto suporte estético e funcional de papel, para transmissão, pela tinta, de sonhos, ideias e conhecimentos, o objeto livro desmaterializa-se e circula hoje, mundo afora, também no formato digital, enquanto progridem, sem conclusões à vista, as especulações acerca do fim de seu antigo talhe olfativo, tátil e visual.

As livrarias convencionais ainda sofrem e muitas desapareceram após o advento das lojas assemelhadas, instaladas em grandes centros comerciais, nas quais o livro, cada vez mais simples mercadoria, concorre com uma infinidade de produtos, perdendo muito de sua aura e áurea. Mesmo assim, milhões ainda habitam as prateleiras, inclusive das casas de acolhimento, que são os sebos, de uma importância cultural subestimada.

Esplêndidas bibliotecas domésticas, constituídas ao longo de vidas, desfazem-se no abandono – a exemplo, às vezes, de seus próprios donos –, sob a ação sutil, porém implacável, de microrganismos. Outras são vendidas a preço de banana, doadas ou simplesmente despejadas sobre caminhões, cujos motoristas são pagos, pelos herdeiros, para se desfazerem daqueles fardos que apenas dificultam a negociação dos imóveis.

Que ninguém se engane. O livro físico, como hoje é chamado o suporte clássico, ainda vai demorar muito a desaparecer deste mundo. Se é que está mesmo fadado a desaparecer, pois a vida também é feita de eternos retornos. E é muito bom que se dissemine em outros formatos, como acontece agora com o digital, tendo-se em consideração que, em última análise, o que importa mesmo é o seu conteúdo – óbvio, quando tem alguma qualidade.

No Brasil, vez ou outra anuncia-se o fechamento de uma grande livraria ou de uma rede de lojas que comercializa livros. Na contracorrente desta realidade - apocalíptica, para alguns apaixonados -, livrarias, no modelo antigo, continuam sendo inauguradas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Feiras e festivais literários pipocam pelo país, o ano inteiro, e a venda de exemplares permanece habitando a casa dos milhões.

Muito melhor, talvez, do que discutir se o livro físico vai ou não desvanecer, ou comparar as qualidades de seus dois atuais formatos, para desqualificar ou exaltar um dos dois, é criar bons argumentos, municiar-se de instrumentos legais e lutar pela democratização do acesso à leitura. Que todos os cidadãos e cidadãs deste país sejam incentivados a ler, e possam dispor, da maneira mais rápida e barata, dos livros que desejam conhecer.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A inauguração do Hotel Tambaú

Enfim o Hotel Tambaú estava pronto. Como dizia o governador Ernany Sátiro, “A Paraíba abria as portas para o turismo”. A cidade ganhava o seu mais novo cartão postal. O projeto arquitetônico, que levava a assinatura de Sérgio Bernardes, chamava a atenção, não só por sua singular forma arredondada, mas por ter sido construído nas areias da praia, algo inusitado.

Certamente, na atualidade, não se permitiria a sua construção. Na época, João Pessoa não possuía ainda o seu Plano Diretor, que só veio a existir em 1974. Portanto, não havia ilegalidade na sua edificação. Hoje os ambientalistas se insurgiriam contra, por considerá-lo uma agressão à natureza.

Construído, o Governo do Estado vendeu o equipamento turístico à Companhia Tropical de Hotéis. Também não se questionou a forma da operação de venda, mesmo sem concorrência pública.

A inauguração aconteceu na noite do dia 11 de setembro de 1971, com uma festa de que só participaram personalidades convidadas. O povo não teve acesso, o que se entendia como conveniente para preservar a sua estrutura física. Não era um evento adequado à participação popular. Presentes o governador que concluiu a obra, Ernany Sátiro, e o governador que deu início e teve a ideia da sua construção, João Agripino. Naquela noite o cinema, também inaugurado, exibiu o filme “O Aeroporto”.

Na véspera, os novos proprietários do hotel ofereceram um almoço às autoridades. Ocorreu um fato que causou certo constrangimento: o Padre Zé Coutinho teria sido barrado à entrada do restaurante. Ao tomar conhecimento do que acontecera, o governador Ernany Sátiro manifestou seu desagrado e comunicou a decisão de levar o sacerdote que havia sido impedido de comparecer ao almoço, para a solenidade de inauguração, e que seria ele o responsável pela bênção religiosa do hotel, mesmo com a presença do Arcebispo Dom José Maria Pires. Essa foi a forma que

a principal autoridade do Estado encontrou para desagrarar o Padre Zé.

O quadro de empregados era quase na sua totalidade formado por paraibanos, selecionados pelos profissionais de recursos humanos da Companhia Tropical de Hotéis. Em frente se instalou uma praça de táxis, com 10 Opalas, cujos motoristas foram especialmente treinados para prestar serviços aos turistas.

Nós, que não tivemos a oportunidade de participar da festa da inauguração, só podemos conhecer a parte interna do hotel dias depois, em visitas permitidas ao público, de forma a evitar aglomerações que comprometessem o seu funcionamento normal, nem perturbassem os hóspedes. No entanto, tornou-se motivo de orgulho para todos nós paraibanos. O Hotel Tambaú é classificado como uma das obras clássicas da arquitetura brasileira.

Lamentavelmente esse cartão-postal de nossa cidade se encontra abandonado, sendo deteriorado, embora se saiba que há interesses empresários em fazê-lo voltar a funcionar. Estamos na torcida para que isso, de fato, possa acontecer.

“

A inauguração aconteceu na noite do dia 11 de setembro de 1971

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



A paz da natureza!

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Os grandes de Ipojuca

Ou “Os grandes do nosso mundo”, que é o título de um livro de perfis biográficos.

São perfis não mais que de duas ou três páginas, o bastante para reagirmos à névoa do esquecimento e trazer de volta expressões humanas que clamam, algumas delas, pelo recurso grego ou romano da estátua.

No fervor veraz como descreve o gênio de Sivuca, não faltou a Ipojuca Pontes essa lembrança: “A Paraíba tem o sagrado dever de erigir o busto do grande músico”. Quem descordaria? Não sei se cabe a pergunta: o busto a Camilo de Holanda, pioneiro na modernização urbana da nossa capital, foi desencravado do pedestal, sem reação, sem lei, restando a rele coluna de pedra e cal que só continua onde está por não ser de bronze. O busto, uma homenagem do prefeito Oswaldo Pessoa a um dos presidentes de Epitácio e ao fim pelo oligarca renegado, teve o sentido da reparação da família Pessoa. O monumento a João Pessoa, na praça que se presume a mais guarneçada, foi desfalcado, há tempo, de uma das espadas; na mão de um dos guardiães restou o cabo e o gesto de desembainhá-la.

Entre os grandes da lista de Ipojuca, nenhum maior que outro. Cada um na sua a partir de Abelardo de Araújo Jurema, chamem-se Epitácio ou João Pessoa, Zé Lins do Rego ou Chateaubriand e, quem esperava (?) o centroavante Delgado do antigo Auto Esporte, insuperável na memória prazerosa dos que subiam ao delírio com a sua “classe” no domínio da bola. Quem fala nele, hoje? A mesma indagação teria feito Zé Lins do Rego, em “Dias idos e vividos”, ao lembrar de Fausto, a “maravilha negra” antes de Pelé.

José Rafael de Menezes, outro dos lembrados, me detém pensativo, o dedo entre as páginas a examinar-me. Onde estive, tão próximo que fui desse homem especial, que não somei devidamente a grande importância de cada uma das suas parcelas do bem comum, viessem da cátedra, da consciência social de militância literária ou do precursor brasileiro da pedagogia do cinema?

Sem dúvida impactou na sensibilidade asanhada do jovem Ipojuca, nascido para ir longe e atingido em cheio pela aula magistral de Rafael ao lançar “Caminhos do Cinema” no chalé de outro grande, Geraldo Carvalho, auditório semanal da juventude que viria fazer

“

São perfis não mais que de duas ou três páginas, o bastante para reagirmos à névoa do esquecimento

Gonzaga Rodrigues

a literatura e o cinema a partir dos anos 1960.

“Foi uma tarde memorável – evoca o memorialista 65 anos depois - Dela deslançou o impulso vital para a realização do seminal ‘Aruanda’ (...) De minha parte – confessa-agradeço ao muito que aprendi com esse homem de imensa energia espiritual (...) O cinema era apenas uma vertente na prodigiosa atividade intelectual do grande paraibano”.

Há outros grandes nomes da consagração geral revistos sob a visão peculiar do autor, como Oscar de Castro, o presidente João Pessoa, Pedro Américo, Augusto dos Anjos, Virgínius; como há os do seu mais efetivo e afinado convívio: Biu Ramos, Martinho Moreira, Geraldo Porto, Heitor Falcão. “De minha parte, confesso, que não passo um dia sem sentir saudade do Moringueira (Martinho), que me adotou como irmão e membro de sua exemplar família”.

Mas eu ainda dispensaria o livro todo, da 1ª à 2ª parte, mesmo com Biu, Martinho, Otinaldo, desde que me fosse dado ler, reler e meditar sobre as três páginas dedicadas a D. Laís Carvalho de Holanda, mãe protetora e fonte de motivação de dois meninos órfãos de pai: Vicente de Paula (o nosso Paulo Pontes), nascido aleijado, e Antônio, prematuro de 750 gramas nascido na Cândida Vargas, conhecido nacionalmente como Ipojuca Pontes. Ambos hoje presentes em qualquer lista justa de autores notáveis do jornalismo e do cinema brasileiros.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762



Foto: Ortilio Antônio

Governo promove concursos para renovar o efetivo das corporações, diz o secretário de segurança, Jean Nunes

PRIMEIRA ETAPA

Mais de 64 mil fazem prova, hoje, para PM e Bombeiros

Candidatos disputam 1,1 mil vagas; concurso reforçará segurança da PB

Ítalo Arruda
ianolivrra@gmail.com

A primeira etapa do exame intelectual do concurso da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba será realizada hoje. Ao todo, 64.198 candidatos inscritos disputam as 1.100 vagas oferecidas para o cargo de soldado. O exame será aplicado nos locais de prova distribuídos nos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Campina Grande, Patos, Cajazeiras e Guarabira. Os portões serão abertos às 11h45 e fechados às 12h30. A prova terá início às 13h, com duração de cinco horas.

Nesta etapa, os candidatos deverão responder a uma prova objetiva com 80 questões de múltipla escolha, sendo 15 de Língua Portuguesa, 10 de Raciocínio Lógico, 10 de Geografia e História da Paraíba, 10 de Língua estrangeira (Inglês ou Espanhol), 10 de noções de Informática e 10 de direito e sociologia.

Além disso, os candidatos serão submetidos a uma prova discursiva, que será constituída

de uma redação cujo tema será revelado no momento do exame. As duas provas possuem caráter eliminatório e classificatório. De acordo com o item 9.1 do edital, que trata exclusivamente da prova objetiva, para ser considerado habilitado para a próxima etapa do concurso, o candidato tem que acertar, cumulativamente, pelo menos, 40% de cada disciplina do exame e, no mínimo, 50% do total de pontos.

Na prática, o candidato terá que acertar, no mínimo, seis questões de língua portuguesa, quatro de raciocínio lógico, história da Paraíba, língua estrangeira e noções de informática, e 10 questões de direito e sociologia, totalizando, assim, os 45 pontos mínimos exigidos. As demais etapas do concurso – a serem realizadas, posteriormente, de acordo com o cronograma estabelecido – incluem exames psicológico, de saúde e de aptidão física, sendo estes imprescindíveis para o resultado final.

Organizado pelo Instituto Brasileiro de Formação e Capacitação (IBFC), o concurso pre-

vê para o cargo de soldado tanto da Polícia Militar quanto do Corpo de Bombeiros uma remuneração de R\$ 4.206,87 (após a conclusão do curso de Formação de Soldado). Durante o curso, a remuneração é de uma bolsa cujo valor equivale a um salário mínimo vigente, acrescida de auxílio-alimentação. Ainda pode haver implementação de um adicional por plantão extra remunerado até o valor de R\$ 2.304,00, ultrapassando, com isso, R\$ 6,5 mil em remuneração.

Inscrições

João Pessoa é a cidade com o maior número de candidatos inscritos, totalizando 23.427 inscrições homologadas. Na sequência aparecem Campina Grande, com 9.960, e Guarabira, com 4.475 inscritos.

Dos quase 65 mil candidatos que tiveram a inscrição deferida, 57.892 desejam ingressar na Polícia Militar, sendo 13.561 mulheres e 44.331 homens. Ao todo, a corporação está oferecendo 900 vagas, das quais 90 são destinadas para o sexo feminino e 810 para o sexo masculino. Já

para o Corpo de Bombeiros, foram inscritos 5.306 candidatos, sendo 1.372 mulheres e 4.934 homens.

Concorrência

De acordo com o número de inscrições homologadas pelo IBFC, a concorrência para a Polícia Militar é de 150 pessoas por vaga, no caso das mulheres. Entre os homens, a concorrência é de 49 inscritos por vaga. Com relação ao Corpo de Bombeiros, a concorrência entre os homens é de 27 candidatos por vaga. Já entre as mulheres, a concorrência é de 68 inscrições para uma oportunidade.

Resultado

Ainda não foi divulgada uma data para o resultado final do concurso da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba. De acordo com o cronograma previsto no edital, os candidatos devem acompanhar as publicações de todos os atos, editais, retificações, convocações e comunicados referentes ao certame nos endereços eletrônicos do IBFC (www.ibfc.org.br), da Polícia Militar

“Ação importante para as forças de segurança”

Para o secretário estadual da Segurança e da Defesa Social, Jean Nunes, o concurso vai ajudar a reforçar significativamente a área da segurança pública da Paraíba. “É uma ação muito importante do Governo do Estado para as forças de segurança que têm feito um trabalho muito importante”.

De acordo com Jean, a medida é um compromisso do governador João Azevêdo, que se prontificou em promover concursos para renovar o efetivo das corporações. Também estamos com o concurso da Polícia Civil em andamento, o maior da história da instituição, com 1.400 vagas”, destacou o secretário.

O concurso ao qual Jean Nunes se referiu foi realizado em 2022, com vagas para os cargos de delegado, escrivão, agente de investigação, perito oficial criminal, perito oficial médico-legal, perito oficial odontológico-legal, perito oficial químico-geral, técnico em perícia,

papiloscopista e necrotomista.

A formatura da primeira turma de aprovados foi realizada há exatamente um mês, no dia 28 de setembro. Ao todo, 485 policiais civis con-

cluíram o curso de formação e estão sendo designados às respectivas funções para as quais prestaram o concurso. Recentemente, conforme noticiado em **A União**, o Gover-

no do Estado anunciou a convocação da segunda turma de aprovados naquele certame. O edital será publicado no Diário Oficial do Estado (DOE) em 21 de novembro.



Foto: Marcos Russo

Concorrência é de 150 por vaga, no caso das mulheres. Entre os homens, é de 49

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DATA DA MORTE DE VLADIMIR HERZOG: 25 DE OUTUBRO SERÁ O DIA NACIONAL DA DEMOCRACIA

O projeto de lei que institui o dia 25 de outubro como Dia Nacional da Democracia foi encaminhado ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), pela senadora Eliziane Gama (PSD), com o apoio de representantes do Instituto Vladimir Herzog. É que a data marca o assassinato do jornalista (foto) pela ditadura militar. A oficialização da data se insere no contexto do cumprimento de sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), que impôs a condenação ao Estado brasileiro pela morte de Herzog dentro da prisão. A OEA determinou que o Brasil adotasse medidas reparatórias, “em desagravo à memória de Herzog e à falta de investigação, julgamento e punição dos responsáveis por sua tortura e morte”. O jornalista foi assassinado em 1975, em São Paulo. Em 2023, o governo brasileiro publicou no Diário Oficial da União a integral da sentença condenatória da OEA. Desta forma, assumiu a responsabilidade pela detenção arbitrária, tortura e assassinato de Vladimir Herzog. Com isso, a versão da ditadura militar de que o jornalista havia se suicidado foi devidamente sepultada.

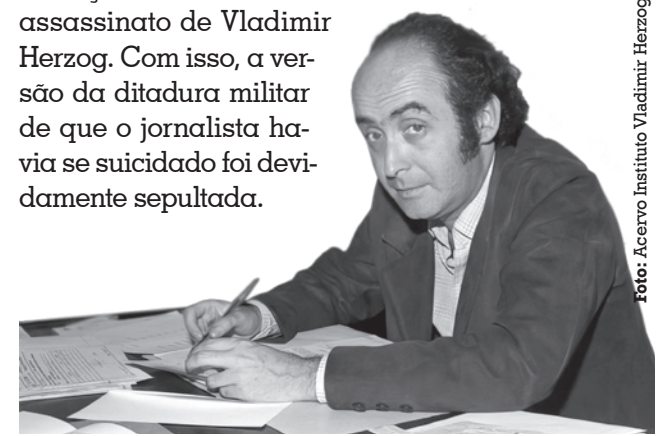


Foto: Acervo Instituto Vladimir Herzog

“MENOS PELA FORÇA BRUTA”

Cientista político e professor do Instituto de Ensino e Pesquisa Inesper, Carlos Melo explica que golpes de Estado, na atualidade, ocorrem “menos pela força bruta, pelos tanques nas ruas, do que pela manipulação de instituições, como a Justiça”. Para ele, o autoritarismo se dá de outras formas: “Cria-se um clima autocrático, em que você vai mudando as instituições (...) e quando você vê, estabeleceu-se um clima horroroso. Se não ainda ditatorial, um clima de autocracia que tenta se estabelecer contra a democracia”.

SEM APOIO INTERNACIONAL

Para o cientista político Carlos Melo, um golpe de Estado não ocorreu no Brasil, após as eleições de 2022, “à moda antiga, porque não houve apoio internacional, não houve amparo internacional. Como o mundo mudou, esses processos também mudaram. Pode haver regressão, você pode perder a democracia? Claro que pode, mas não será daquela forma clássica, como conhecemos nos anos 60, 70”.

“JAMAIS DISPUTAREMOS PARTIDO”

Do deputado Mersinho Lucena (PP), que vinha articulando a assunção de sua mãe, Lauremília, ao comando do PDT da Paraíba. “Jamais disputaremos partido com o governador. Se for realmente do interesse dele ir para o PDT, ótimo. Se não, nosso maior intuito é não deixar que o partido fique nas mãos dos nossos adversários, como foi em 2022”, disse, em entrevista à rádio.

POSSIBILIDADE MUITO REMOTA

Presidente do PSB em João Pessoa, Tibério Limeira, afirma que a possibilidade de o governador João Azevêdo deixar o PSB para filiar-se ao PDT é muito remota. Para ele, essa foi uma ‘leitura’ feita pela imprensa a partir de uma declaração do gestor estadual acerca da intenção de ter o PDT na base governista.

UMA CONCLUSÃO PRECIPITADA

Para Tibério, foi uma conclusão precipitada da imprensa. “Ele demonstrou interesse no PDT, que não esteve conosco nas eleições de 2022. Mas o governador deixou claro que o PDT, por ser um partido do campo de esquerda e da base de Lula, é muito bem-vindo à base do governo”, disse, em entrevista a uma rádio.

REFORMA TRIBUTÁRIA: RELATÓRIO SERÁ VOTADO NA CCJ NO DIA 7

Agora, vai! Em encontro com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, o deputado Aguinaldo Ribeiro (PP) se disse “muito animado com o entusiasmo do presidente Pacheco em relação à Reforma [Tributária]. De fato, acredito que essa proposta vai mudar para melhor o nosso país”. A proposta segue tramitando no Senado com celeridade. A votação do relatório do senador Eduardo Braga (MDB) deverá ser votado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) no próximo 7 de novembro.

Emanuel Braga, superintendente no Iphan na Paraíba

“Nos últimos anos, tivemos R\$ 50 mil para todas as ações”



Gestor cita a reconstrução das ações patrimoniais e defende a requalificação do Porto do Capim com a comunidade no local

Taty Valéria
tatyvaleria@gmail.com

Servidor de carreira do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan-PB, Emanuel Braga já conduzia o órgão, de forma interina, desde junho deste ano. Desde agosto de 2023 assumiu o órgão com o desafio de resgatar o trabalho de preservação cultural, depois de anos de desmonte e sucateamento dos investimentos públicos.

Antropólogo do Iphan desde 2010, doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba, o superintendente do Iphan-PB, em entrevista para o Jornal **A União**, ele destaca a retomada dos trabalhos, detalha os recursos do Novo Pac, a reabertura do Casarão José Rufino, interditado no primeiro semestre e a defesa da permanência dos moradores do Porto do Capim na localidade.

Entrevista

■ O senhor assumiu a superintendência do Iphan depois de anos de sucateamento. É possível fazer uma análise da situação do órgão, tanto em termos de estrutura quanto de ações durante esse período?

O slogan do atual governo é “Reconstrução e União em nome do Brasil” e isso é muito a cara do que estamos fazendo aqui na Superintendência do Iphan na Paraíba, literalmente estamos em reconstrução, incluindo, nossas próprias sedes e trabalhadores, que estavam numa situação de trabalho muito frágil.

Essa casa em que estamos (sede do Iphan, na Praça Antenor Navarro), está sem manutenção de ar condicionado, hidrosanitária e elétrica por falta de qualquer contrato de recursos para manutenção do governo anterior. Estávamos sem recursos, sem qualidade de vida para o servidor e com falta de estrutura. A nossa outra sede, que fica na Praça Rio Branco, está funcionando como um depósito.

Organizamos uma comissão de desfazimento, tanto para a mobília (que irá para doação), quanto para materiais que serão descartados, com o objetivo de recuperarmos o seu uso. Nos anos áureos de cultura, no Lula 1 e 2, a Casa do Erário funcionou como a Casa do Patrimônio na Paraíba, uma referência nacional na política de atenção patrimonial. Então, queremos resgatar esse uso, inclusive, com uma gestão compartilhada com a representação estadual do Ministério da Cultura. Esse processo de retomada está sendo sofrido porque primeiro precisamos arrumar a casa para poder dar uma resposta em forma de trabalho à sociedade.

■ O Novo Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal (Novo PAC) destinará R\$ 700 milhões para a retomada, conclusão e execução de novas obras relacionadas ao patrimônio cultural brasileiro. Ao todo, 138 iniciativas receberão recursos para recuperação de espaços públicos e da infraestrutura cultural e turística em todas as regiões do país. Como está esse processo na Paraíba?

Esses recursos já estão sendo aplicados. Esse Novo PAC recuperou os antigos contratos que tínhamos com a Prefeitura de João Pessoa. É o velho PAC, agora repaginado com mais recursos e estrutura e mais

abertura para uma parceria mais efetiva e próxima. O Iphan foi por muito tempo, e ainda é, essa instituição que possui um prestígio muito mais pelo trabalho de fiscalização, mas agora estamos abrindo o braço da gestão, das parcerias e da união.

Uma das posturas do Iphan era ter que fiscalizar o PAC, mesmo que ele fosse com recursos advindos do Ministério das Cidades ou do Ministério da Cultura. Mas, a verdade é que precisamos fazer a aplicação desses recursos juntos. Temos contratos que estão sendo recuperados. A maioria voltada para intervenções no Centro Histórico de João Pessoa. Um se encontra em execução, que é a reconstrução do Conventinho, que está sendo acompanhado semanalmente por nossos fiscais e gestores de contrato e os outros estão em alinhamento técnico.

É interesse do Iphan que esse Novo PAC aconteça. É de interesse da Prefeitura e, principalmente, é de interesse da população, moradores, turistas, comerciantes. Não falamos em revitalização porque o Centro Histórico sempre foi vivo, com uma diversidade sociocultural muito grande, mas precisa que isso tudo seja melhorado.

■ Em relação à disputa do Porto do Capim, o Iphan emitiu um laudo indicando a permanência da comunidade, ao contrário do desejo da prefeitura. Como está esse processo?

No início deste ano a Prefeitura de João Pessoa apresentou ao Iphan um projeto de intervenção no espaço da comunidade ribeirinha do Porto do Capim diferente do que tinha sido acordado entre a Associação de Mulheres do Porto do Capim, MPF, Iphan e outras instituições. Com a perspectiva de inscrição de um projeto com possibilidade de captação de recursos de maior monta no Novo Pac, via Ministério das Cidades, linha Periferia Viva. Prefeitura e Iphan estão alinhando uma nova forma de pensar uma proposta para aquela área que valorize, consolide e requalifique a comunidade ribeirinha no seu local de origem e tradições. Em vez de uma arena de eventos e um mega parque ecológico sem a presença da comunidade, é preciso que a municipalidade intervenha com políticas urbanas e habitacionais adequadas à realidade ribeiri-

na, com melhoria das vias, calçadas, casas e readequação de prédios e galpões degradados para novos usos condizentes com as reais demandas dos moradores da comunidade, comerciantes e usuários do Centro Histórico e do turismo comunitário, cultural e ecológico. Dá para trazer mais movimento ao Centro Histórico sem prejudicar as pessoas que dão vida a esse patrimônio. Há um alinhamento nesse sentido. É juntar forças e instituições e fazer acontecer a política pública.

■ Quais são os outros projetos e quais os valores destinados?

Na Paraíba, temos atualmente pelo menos oito projetos, todos em João Pessoa, que já estão contemplados pelo Novo PAC. E sete deles seguirão com o mesmo objeto originalmente aprovado: a restauração do antigo Conventinho - Casa das Artes, no valor de R\$ 2.892.897,00 (com mais de 50% da obra finalizada); a restauração da Azulejaria do Adro do Conjunto Franciscano, no valor de R\$ 3.595.916,00; a revitalização do antigo Porto do Capim - requalificação das vias de acesso ao Porto do Capim, no valor de R\$ 5.059.054,00; a restauração da Antiga Casa dos Contos e Residência do Capitão-mór - Centro de Documentação e sede do Iphan na Paraíba, no valor de R\$ 1.760.000,00; a revitalização do antigo Porto do Capim - restauração da antiga Alfândega - Museu da Cidade, no valor de R\$ 1.063.042,00; a revitalização do antigo Porto do Capim - restauração da antiga Superintendência da Alfândega - Centro de Cultura Popular, no valor de R\$ 982.767,00; a revitalização do Antigo Porto do Capim - restauração da Antiga Fábrica de Gelo - Centro de Apoio a Eventos e Visitantes, no valor de R\$ 793.088,00;

Um outro projeto, originalmente referente à implantação do Parque Ecológico do Rio Sanhauá e orçado em R\$ 11.611.392,00, está sendo reavaliado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, com apoio técnico do Iphan, para atender a outros propósitos, no campo de requalificação urbana e habitacional da comunidade ribeirinha do Porto do Capim. Além disso, será destinado um total de R\$ 37 milhões para novos projetos de arquitetura e engenharia voltados para a preservação e valorização de bens culturais. O chamamento público para a seleção das propostas do PAC Seleções teve início no dia 9 de outubro e vai até o dia 10 de novembro de 2023. Serão selecionados até 100 novos projetos para ações de restauro, conservação e promoção de bens culturais reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil. Poderão submeter propostas instituições dos governos estaduais ou municipais.

■ Ainda em outubro, o secretário executivo adjunto do Ministério da Cultura, Cassius Rosa, esteve na Paraíba para uma série de agendas, incluindo uma reunião com o Iphan. Qual o objetivo dessa reunião?

Esse encontro foi para alinhar o que já estava consolidado do ponto de vista de parceria local. Falamos sobre o alinhamento dos editais que estão lançados (Lei Paulo Gustavo e Lei Aldir Blanc) com foco em patrimônio cultural e um alinhamento sobre a gestão compartilhada no prédio do Erário para o Escritório do MinC, na Paraíba.

Também conversamos sobre a possibilidade de um outro espaço compartilhado, mais amplo, em uma parceria para uma nova sede. O prédio atual do Iphan é muito apertado, por exemplo, para receber trabalhadores e o público em geral que atendemos, que vai além do usuário do Centro Histórico até ao proprietário de um imóvel que vem atrás de alguma autorização ou coletivos, associação de moradores do Centro Histórico. Precisamos retomar essas grandes reuniões e plenárias para apresentar essa política que está em reconstrução e para execução inicial de cada ação.

■ Como está a retomada do trabalho do Iphan na Paraíba fora as ações do Novo PAC?

Nos últimos anos do governo anterior, tivemos disponíveis cerca de R\$ 50 mil para trabalhar com todas as ações em todas as esferas do patrimônio histórico aqui na Paraíba. Nos restava realizar ações nas áreas centrais com o objetivo de tentar “fazer acontecer”, mas quase tudo foi negado ou represado por falta de recursos e por falta de interesse na política de preservação de patrimônio.

Recuperamos nossa altivez com a captação de recursos e temos três grandes ações de reconhecimento para executar relacionados ao Patrimônio Imaterial na Paraíba: Feira Central de Campinha Grande, Literatura de Cordel, Repente e Xilogravura, em uma ação de salvaguarda, com caráter emergencial.

A outra é Mapeamento Georeferenciado dos bens culturais e imateriais brasileiros na Paraíba; e a outra, que é o Registro dos Cocos do Nordeste como patrimônio do Brasil, que está paralisada desde 2010. Vamos fazer um edital de chamamento público e as organizações sociais civis vão poder ser habilitadas para fazer essa execução.

■ Como está o processo das senzalas do Casarão José Rufino que foram interditadas em Areia por conta da destruição parcial?

Em razão das depredações dos espaços que constituem as senzalas urbanas, entre outros compartimentos e áreas, do Casarão José Rufino, houve o embargo da obra seguido de um Termo de Compromisso firmado entre Iphan e a Prefeitura para reparação dos danos materiais e outras ações educativas. Uma equipe qualificada já foi contratada pela Prefeitura tivemos uma reunião para início dos trabalhos na perspectiva de reabrir o Casarão para a população o mais breve possível em uma etapa em que os visitantes poderão acompanhar

o processo de recomposição das estruturas mais antigas danificadas. Não é de interesse do Iphan, nem da Prefeitura e, principalmente, da população de Areia, ter esse bem de grande valor histórico fechado.

■ Em relação ao quadro de servidores do órgão aqui na Paraíba, há alguma expectativa referente a concurso ou contratação temporária?

Os recursos para nossa área sempre foram minguados, mas agora estamos com um aporte de recursos sem precedentes. O problema agora é o gargalo administrativo porque temos poucos servidores nessa área. Em 2018 foi realizado um concurso no Iphan para cadastro de reservas e que foi resgatado recentemente. Temos uma técnica de edificações que está para chegar e temos a perspectiva de, junto à Brasília, conseguir vagas para profissionais de Arqueologia e Antropologia.

■ Como o senhor avalia a atual situação da preservação do patrimônio histórico, cultural e imaterial na Paraíba?

Há muita articulação do ponto de vista dos movimentos. Há o Fórum de Cultura Popular, o Fórum de Patrimônio Cultural muito articulado. O que eu acho que precisa melhorar é um melhor alinhamento entre o Governo Federal, o Iphan, e o Iphaep, que é um grande parceiro, mas que precisa de uma autonomia maior e de uma melhor estruturação para atuar em outros campos do patrimônio e receber melhor essas organizações e essas pautas que chegam constantemente.

Citando um exemplo: temos a capoeira registrado como Patrimônio Imaterial do Brasil e praticamente todos os municípios da Paraíba possuem ao menos um grupo, um mestre ou mestra de capoeira atuando no sistema educacional, às vezes, à margem do ensino regular e que precisam ser inseridos nas escolas públicas estaduais.

Estamos com um projeto e uma articulação, através do Plano de Salvaguarda da Capoeira na Paraíba, e com um vínculo com a Secretaria de Articulação do Governo do Estado e Secretaria de Educação para um acordo de cooperação técnica, que vai conseguir consolidar o que os capoeiristas já fazem nas suas comunidades locais. Isso é bom para os municípios e para os trabalhadores da cultura, que são os capoeiristas.

■ Há algo em vista para proteger as casas e outras edificações com traços modernistas na Paraíba?

Do ponto de vista de uma ação concreta das instituições de patrimônio atuantes na Paraíba, desconheço. Há estudos e gente engajada na identificação dessas edificações e paisagens. E acredito que podemos, sim, avaliar como podemos reconhecer, valorizar e requalificar esses bens sem necessariamente passar apenas pelo tombamento ou outros instrumentos legais convencionais que acabam não tendo o efeito prático da preservação desejada pela sociedade.

ATRATIVO

Areia une turismo rural à produção de chocolate

Fábrica, que teve a produção iniciada em 2022, é o novo produto do complexo Engenho Triunfo, no Brejo

Teresa Duarte
teresaduarte2@hotmail.com

O município de Areia, região do Brejo paraibano, desponta no turismo rural com diversos atrativos. O turista que for ao município vai vivenciar a mistura de história, cachaça e chocolate, já que, o Engenho Triunfo, um dos principais pontos turísticos da região, produto de muito trabalho dos proprietários Antônio Augusto e Maria Júlia Baracho, investiu também na produção do chocolate aliada ao turismo rural.

Os visitantes, além de conhecer a produção da cachaça com um guia, que apresenta todo o processo de fabricação, desde a plantação da cana até o produto final, podem também apreciar as flores, lojinhas, lago com pedalinhos, tirolesa e a fábrica de choco-

lates Engenho Cacau. Com o lema “mais cacau e menos açúcar”, o novo espaço do Engenho Triunfo produz chocolate de qualidade onde é utilizado 45% de cacau ao leite até 80% do cacau. “O Engenho Cacau foi mais uma bênção de Deus na nossa vida. Porque ele veio através da nossa nora que tem um espírito empreendedor de trabalho, justiça social e de amor pelo que faz, que a nossa família tem”, revela Maria Júlia.

A qualidade do produto é fruto do empenho e dedicação da Juliana Viega de Albuquerque Baracho, que contou com apoio do marido, Thiago Henrique de Albuquerque Baracho, para implantação do novo empreendimento. “A ideia de colocar uma fábrica de chocolates no Engenho Triunfo surgiu para agregar mais uma atividade ao turis-

“

O Engenho Cacau foi mais uma bênção de Deus na nossa vida. Porque ele veio através da nossa nora, que tem um espírito empreendedor, de justiça social e de amor pelo que faz

Maria Júlia



Fotos: Teresa Duarte

A fábrica tem o lema “mais cacau e menos açúcar” refletido na qualidade dos produtos

mo, então, eu e o meu marido, pensamos em algo para agregar ao turismo e, como no Sul do país a região é fria como a nossa, e eles investem muito na produção do chocolate, eu pensei em fazer uma experiência que deu certo”, conta Juliana.

Como ela não tinha experiência na produção do chocolate, a empresária correu em busca da capacitação e aprendeu a técnica do movimento de entubar, uma forma de fazer chocolate desde o cacau até a barra. “Eu não queria

fazer o chocolate como todo mundo faz, que é derretendo uma barra comprada. Eu queria fazer o chocolate desde o cacau e assim estou fazendo”.

Juliana foi buscar a capacitação em um curso com o pessoal da Fábrica de Chocolates LaBarr, que tem um produto premiado em Brasília e, depois, foi para a região Sul da Bahia, que é referência na produção do chocolate.

Lá, ela conta que conheceu a Adriana Reis, que além de ser referência internacional desse mundo do cacau até

a barra do chocolate, também é professora do Centro de Inovação do Cacau (CIC), cujo objetivo é construir, consolidar e difundir conhecimento sobre o cacau e o chocolate de qualidade, com foco na melhoria da produtividade, qualidade e rastreabilidade das amêndoas. “Após os conhecimentos adquiridos, eu, com auxílio do meu esposo Thiago Henrique, que é engenheiro químico do Engenho Triunfo, começamos a fazer a formulação dos produtos químicos para iniciar a produção”.

Meta é produzir apenas com o cacau plantado no município

Linha

A Engenho Cacau já produz o chocolate com canjica e vai lançar barras com cachaça Triunfo envelhecida no bálsamo, no carvalho e na umburana

Já capacitada ela iniciou a compra do maquinário, além de passar a conhecer os fornecedores da amêndoa fina, que é o referencial para fazer o chocolate, desde o cacau com a amêndoa.

O Engenho Cacau fica dentro do Parque do Engenho Triunfo e a produção do chocolate foi iniciada na Páscoa de 2022, e, em um ano já foi produzido uma tonelada de chocolate. A empresária revela que a intenção é produzir o chocolate com o cacau plantado em Areia. Para tanto, ela trouxe mudas da Bahia e do Espírito Santo. “Nós planta-

mos e estamos aguardando chegar mil novas mudas agora em março para produzir exclusivamente com o nosso cacau”, diz.

A produção

Na produção do chocolate do Engenho Cacau, não é usada a gordura vegetal, nem a hidrogenada, como também aromatizante, ou seja, são 45% de cacau ao leite até 80% do cacau. Tem uma legislação no Brasil determinando que para ser chocolate ele precisa ter no mínimo 25% de cacau, percentual que é colocado no mundo industrial, “é

um chocolate que no mundo comercial seria considerado meio amargo, e aí quando as pessoas provam elas ficam surpresas porque ele é suave, já que uma amêndoa boa do cacau não tem intensidade em amargo. Nós estamos explorando tanto na escolha da amêndoa quanto na questão da torra que nós fazemos na fábrica, daí nós vamos fazendo a torra de acordo com cada amêndoa do cacau”.

A produção do Engenho Cacau é feita com o que existe na região. São feitos chocolate ao leite, com castanha do caju, com banana, jaca, cajá e

cachaça. “Nós estamos para lançar barras de chocolate com cachaça Trinfo envelhecida no bálsamo, no carvalho e na umburana. No São João nós lançamos o chocolate com canjica, que foi um sucesso até na embalagem que é em formato de uma cuscuzeira”.

Na linha com cachaças,

tem as barras que serão lançadas em breve, as trufas de chocolate meio amargo e cachaça envelhecida no tonel de bálsamo. Tem também as garrafinhas, que são muito procuradas, por serem chocolates em forma de garrafas pequenas e dentro vem a cachaça triunfo branca.

Saiba Mais

O Engenho Triunfo fica localizado na Zona Rural de Areia.
Informações: (83) 3362-2390/(83) 99931-9861 ou no E-mail: triunfo@oi.com.br



Na Engenho Cacau, os visitantes têm um local acolhedor e podem apreciar chocolates feitos sem uso de gordura vegetal, hidrogenada, como também aromatizante, ou seja, itens que são 45% de cacau ao leite até 80% do cacau

OUTUBRO ROSA

Pacientes têm direitos assegurados

A partir do laudo de câncer, lei garante afastamento remunerado do trabalho, quitação de imóvel e outros direitos

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Foto: Arquivo pessoal

As pessoas com câncer têm, assegurados por lei, uma série de direitos e benefícios que vão desde a reconstrução mamária até isenção de impostos na compra de veículos. A Lei 8.213 de 24 de julho de 1991 garante o pagamento de auxílio-doença pelo INSS durante o período em que o paciente estiver incapacitado de exercer suas atividades. Já a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, concede gratuitamente cirurgia reparadora das mamas às mulheres submetidas à mastectomia.

A advogada Marília Burity explicou que, a partir do laudo médico atestando a doença, a paciente ainda precisa iniciar processo administrativo na Receita Federal, Caixa Econômica Federal e INSS, por exemplo, para que seu pedido seja avaliado e deferido ou não.

Se a mulher tem emprego formal, o médico emite um laudo, informando o CID e o tempo que a paciente precisa ficar afastada. Os primeiros 15 dias são pagos pelo empregador e os demais dias pelo INSS, desde que ela possua carteira assinada. Após o 16º dia, a paciente receberá o auxílio-doença mensalmente, de acordo com a perícia feita junto a Previdência Social.

“Precisamos formular processos de ordem administrativa para que esses direitos - que aparentemente poderiam ser oferecidos de forma prática e rápida, mas não são - sejam realizados. Quando não se consegue isso, por muitas vezes quando não se tem informação, as pessoas ficam sem obter aquele direito. Quando isso acontece a pessoa tem que se dirigir a um advogado especialista para que ele, juntamente com a pessoa, faça o seu direito de cidadão ser efetivado”, pontuou.

Além do tratamento contra o câncer de mama, a dona de casa Adriana da Costa precisou enfrentar a burocracia ao tentar receber auxílio do INSS. Mesmo com o laudo atestando a doença, o benefício foi negado e ela precisou acionar a Justiça através de um advogado. Quase dois anos após o diagnóstico, ela ainda não recebeu uma resposta da Justiça sobre o pedido, apesar de ter passado por perícia médica e social estabelecidas pelo juiz.

“Passei pela assistente social da FAP e ela me encaminhou para a advogada e ela fez toda uma entrevista comigo e deu entrada pelo INSS. Fiz os procedimentos, passei pela perícia médica e fiquei aguardando a perícia social. Não tinha vaga e no dia que eu fui a assistente social estava de férias, tive que adiar para outra data porque a cidade mais perto era Guarabira. Eu fui, fiz a perícia social, mas foi negado, então a advogada entrou na Justiça e ainda estou aguardando”, explicou.

As mulheres podem ainda receber aposentadoria por invalidez, a depender da perícia médica do INSS, caso o câncer cause incapacidade definitiva e irreversível para o trabalho. Para ter acesso à aposentadoria ou auxílio-doença a mulher deve estar inscrita no INSS e solicitar o benefício no site do INSS, pelo aplicativo ‘Meu INSS’ ou pelo telefone 135.

Precisamos formular processos de ordem administrativa para que esses direitos - que aparentemente poderiam ser oferecidos de forma prática e rápida, mas não são - sejam realizados

Marília Burity



Foto: Roberto Guedes

O INSS paga auxílio-doença mensalmente para paciente com câncer, de acordo com a perícia feita junto à Previdência Social

Diagnóstico permite que seja feito saque do FGTS

O diagnóstico de câncer permite ao paciente sacar o Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS). O benefício também é concedido ao trabalhador que tenha algum dependente portador da doença. De acordo com a Caixa Econômica Federal (CEF), o trabalhador titular da conta vinculada poderá solicitar o saque do FGTS por meio do App FGTS ou em uma Agência da Caixa.

É exigida documentação comprobatória, constituída pelo formulário “Relatório Médico de Doenças Graves para Solicitação de Saque do FGTS”, disponível para download no site da Caixa, com validade não superior a um ano contado de sua expedição, firmado com assinatura sobre carimbo, CRM e UF do médico assistente responsável pelo tratamento ou emitido com assinatura e certificação digital; cópia dos exames médicos e de seus respectivos laudos e/ou dados clínicos que tenham sido informados no formulário “Relatório Médico de Doenças Graves para Soli-

Cláusula

A quitação do financiamento habitacional pode ser total ou parcial, desde que exista previsão no seguro contratado

ciação de Saque do FGTS”; documento de identificação do trabalhador; documento de comprovação do vínculo - CTPS ou outro documento que comprove o vínculo empregatício.

O valor recebido será o saldo de todas as contas pertencentes ao trabalhador, inclusive a conta do atual contrato de trabalho. No caso de motivo de incapacidade relacionado ao

câncer, persistindo os sintomas da doença, o saque na conta poderá ser efetuado enquanto houver saldo, sempre que forem apresentados os documentos necessários.

Caso a paciente possua financiamento habitacional pela Caixa, o imóvel poderá ser quitado totalmente ou parcialmente, desde que exista previsão no seguro contratado.

“A pessoa entra com um processo administrativo junto à Caixa Econômica e geralmente nos contratos falam dessa patologia. Com base na cláusula do contrato a paciente inicia processo de forma administrativa e o seguro quita esse imóvel, a pessoa leva para o cartório de registro imobiliário e tira o gravame do imóvel”, afirmou a advogada Marília Burity.



Foto: Ortilio Antônio

Advogada explica que paciente ainda precisa iniciar processo administrativo na Receita Federal, CEF e INSS para ter direitos

Estatuto garante locomoção gratuitamente

Foto: Ortilio Antônio

Na Paraíba, a Lei Estadual 11.298/2019 assegura transporte gratuito para pessoa com câncer e em tratamento no transporte público coletivo intermunicipal



A mulher com câncer tem direito também a benefícios que podem garantir sua locomoção gratuitamente. Na Paraíba, o Estatuto do Portador de Câncer (Lei Estadual 11.298/2019) garante transporte gratuito para pessoa com câncer e em tratamento, comprovadamente carente, no sistema de transporte público coletivo intermunicipal. Já a Lei Federal Lei nº 8.899, de 29 de junho de 1994 estabelece passe livre no sistema de transporte coletivo interestadual.

No estado, os pacientes em tratamento oncológico fazem parte do grupo de aten-

dimento prioritário em estabelecimentos comerciais e públicos, conforme lei sancionada pelo governador João Azevêdo. Para ter direito ao atendimento preferencial e prioritário, é preciso apresentar declaração médica que ateste sua condição.

O paciente com câncer é isento do pagamento de IPI e ICMS na compra de veículo zero quilômetro adaptado.

O paciente com câncer é isento deste imposto apenas quando apresenta deficiência física nos membros superiores ou inferiores que o impeça de dirigir veículos comuns. É necessário

que o solicitante apresente exames e laudo médico que descrevam e comprovem a deficiência. O benefício é concedido com base na Lei nº 10.182, de 12 de fevereiro 2001, que restaura a vigência da Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro 1995.

Saiba mais

• Através da assessoria de imprensa, o INSS disse que “não há nenhum problema relacionado a esse tipo de segurado e ao auxílio por incapacidade temporária (antigo auxílio-doença)”.

EXPECTATIVA

Reta final para as provas do Enem

Proximidade da data das provas tem feito com que estudantes intensifiquem estudos e priorizem conteúdos

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Os estudantes do Ensino Médio entraram na reta final de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Sejam revisões, aulas, simulados, eles aproveitaram todas as oportunidades que possam contribuir para assimilar melhor os conteúdos e rever o que foi passado em sala de aula. Tensão, ansiedade e até um pouco de medo são sentimentos que se misturam nesse momento, mas eles garantem que a busca pelo equilíbrio é o que vai ajudar a ter um bom resultado nos dias de provas.

Stephany de Almeida, 19 anos, é aluna do terceiro ano do Ensino Médio na Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Papa Paulo VI. Ela vai fazer o Enem pela primeira vez, pensando em uma vaga no curso de Medicina Veterinária, e conta que esse momento está sendo bastante eufórico.

“Não fiz nos outros anos, então, agora vai ser para valer. Estou muito animada porque é a hora de definir o meu futuro. Acredito que vou conseguir um bom resultado porque tenho prestado muita atenção nas aulas. Infelizmente, não tenho tempo para estudar à tarde porque estou fazendo um estágio de trabalho quando saio da escola. Porém, estou dando o meu máximo nas aulas e absorvendo o máximo que consigo”.

Para não perder tempo, a rotina de estudos em casa é intensa. Quando chega do



Fotos: Divulgação

Projeto Se Liga no Enem tem mobilizado os estudantes do Ensino Médio da Rede Pública Estadual com atividades preparatórias para o certame

trabalho, ela procura ver alguns vídeos, mas como nem sempre consegue, está focando mais no que aprende na escola, prestando muita atenção no conteúdo que os professores passam. “Como em casa está sendo mais difícil, tento relaxar minha mente para, no outro dia, absorver mais”, conta.

A aluna também se reúne com outras pessoas que vão fazer a prova. O que os primos estudam, passam para ela e todos se ajudam nessa preparação, cada um com suas expectativas e sem perder os momentos de lazer. “Sou uma pessoa muito ansiosa e, se eu

não separar esse tempo para a diversão, acabo perdendo tudo. Então, foco também em relaxar a mente para conseguir absorver os conteúdos. Os professores também ajudam e a escola tem oferecido aulas, o que ajuda muito, mas cada aluno também tem que fazer a sua parte”.

Huanda Julya Avelino Leandro, 17 anos, está concluindo o Ensino Médio na mesma instituição de ensino e é candidata a uma vaga no curso de Medicina. Sua rotina de estudos também tem sido intensa. Diferente da colega Stephany, ela não trabalha e, por isso, assiste aos vídeos na



Huanda Julya Avelino

escola no período da tarde. Em casa, faz revisões das 20h às 22h30, e prioriza responder questões para se adaptar ao formato do Enem, e revisar assuntos antigos, já que os conteúdos do terceiro ano estão sendo vistos na escola, sem contar com as revisões.

“No final de semana, aproveito para assistir alguns vídeos, já que a correria é me-

nor. Nesse último mês, que é a reta final para as provas, tenho deixado o lazer um pouco de lado, até porque a concorrência para o curso que quero fazer é muito grande”. Ela aproveita ainda para ver aulas gratuitas na internet e realiza simulados. As duas alunas garantem que as famílias dão apoio no que podem nessa preparação.

Administrar o tempo e a constância de estudos

O estudante do segundo ano do Ensino Médio Kauan Matheus Carneiro Lourenço é aluno do segundo ano do Ensino Médio na ECIT Papa Paulo VI e fez o Enem na 1ª série. Ele conta que sua rotina diária de estudos tem sido bastante equilibrada e garante que ter feito a prova no ano passado ajuda a diminuir o nervosismo. O aluno ainda não decidiu a carreira que vai seguir, mas a tendência é que seja na área de Humanas. Direito é uma grande possibilidade, mas, enquanto não decide, ele explica como tem estudado para garantir um bom resultado.

“O que sempre ouvimos quando entramos na escola, principalmente, no Ensino Médio, é que é melhor manter a constância do que a quantidade. Então, eu prefiro estudar entre uma hora e uma hora e meia todos os dias do que fazer um grande tempo de estudo e ficar muito espaçado. Sempre procuro manter essa constância. Com isso, tenho meus momentos de lazer sem atrapalhar os estudos e ainda consigo absorver os conteúdos de forma bem mais fácil”.

Para estudar, ele procura fazer tópicos e mapas mentais, e lembra que em sua pri-

meira experiência no Enem, conseguiu 650 pontos na Redação. Não é uma nota tão alta, mas por ter sido a primeira vez, foi boa. E a média geral também foi superior a 600. “Foi muito bom em relação à experiência, aprender sobre as regras porque é muito diferente do que fazer uma prova normal, inclusive o estilo, o método, o tempo”, observa.

Na escola, Kauan lembra que o coordenador pedagógico e o coordenador de áreas fizeram, no início do ano, dois simulados do Enem. Foi um simulado geral no primeiro bimestre du-

rante uma manhã, das 7h às 12h, um provão com 90 questões, redação, com avaliador, no mesmo modelo do Enem. No terceiro bimestre, foram dois dias, um para Língua e Humanas e outro para Exatas, envolvendo as turmas do primeiro, segundo e terceiro anos.

“Agora eu já vou mais tranquilo. Da minha turma, só eu já fiz, mas conversei com os colegas que é fundamental essa experiência porque, na próxima, será menos tenso. Esse ano, vou fazer sem aquele nervosismo”. Kauan diz que conversou com os colegas mostrando

que o Enem não é um bicho de sete cabeças.

A dica dele é estudar, ter constância e saber administrar o tempo, já que a prova é longa e exaustiva. Outro ponto é não perder tempo. “Se pegarmos as 90 questões e dividirmos o tempo, temos três minutos para responder cada uma. Ano passado, eu pequei nisso. Engalhei numa questão e fiquei preso nela, mas aprendi que, se não conseguir fazer aquela, devo passar para a próxima, até porque há questões que conseguimos resolver em 30 segundos. Assim, ganho tempo”, ensina.

Professora dá dicas para o aluno se dar bem

A professora de Língua Natália Braga, que leciona na ECIT Papa Paulo VI, explica que, na reta final para o Enem, a principal dica é não se desesperar. “Eles agora estão muito ansiosos, sobretudo, porque o Enem já é na próxima semana. A prova de redação desperta muito nervosismo e eles começaram a entrar numa onda de desespero. Então, a primeira coisa que eu falo é que mantenham a calma. A ansiedade não ajuda a fazer uma boa prova. Pelo contrário, só atrapalha”.

Confiar em si mesmo é o primeiro passo para ter um

bom resultado e o que foi aprendido ao longo do ano está na cabeça de cada um e aquele conhecimento só vai ser acessado na hora da prova. Ela lembra que é preciso confiar, inclusive, porque essa não é a única chance na vida. “Muitos estudantes depositam na prova do Enem a única oportunidade que eles têm para o futuro e não é. Esta é uma delas”.

Segundo ela, é preciso manter a calma, sabendo que se preparou, que estudou e que o conhecimento está ali e, na hora, o aluno só precisa acessá-lo. Para estu-

dar em casa, ela orienta fazer um cronograma e focar nas disciplinas em que encontram mais dificuldade. Se é em Exatas, devem separar um momento do dia para fazer exercícios, questões anteriores do Enem porque essas provas seguem um padrão em todos os exames. “É preciso procurar os conteúdos que são mais cobrados na prova do Enem e focar em resolução de exercícios. Nessa reta final, não adianta tentar aprender o que não foi aprendido ao longo do ano. A dica é fazer revisão, resolver exercícios e provas anteriores”.

Se Liga no Enem

De 30 de outubro a 3 de novembro, acontecem *lives* de revisão em Humanas, Língua e Redação; e de 6 a 10 de novembro, o foco muda para Natureza e Matemática. O Se Liga no Enem, da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB), está realizando durante o mês ações em formato virtual. O projeto foi lançado pelo Governo do Estado em 2019 e tem como objetivo auxiliar estudantes matriculados na 3ª série do Ensino Médio e egressos da Rede Estadual da Paraíba na preparação para o Enem. Fo-

ram 45 mil estudantes beneficiados, dos quais quase 20 mil ingressaram nas universidades de todo o país.

Em 2022, 63% dos estudantes da rede pública estadual aprovados no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) participaram das atividades, somando mais de 440 aprovações em 1º lugar e 327 redações de excelência, com nota maior ou igual a 900 pontos. Na edição de 2023, foram oferecidas 12.600 vagas, distribuídas nas 14 GRÉs, para a modalidade remota. O programa tem mais de 5.500 estudantes ativos matriculados.



Nesse último mês tenho deixado o lazer um pouco de lado, até porque a concorrência para o curso que quero fazer é muito grande

Stephany de Almeida



É melhor manter a constância do que a quantidade. Prefiro estudar até 1h30 todo dia do que ter um grande tempo de estudo

Kauan Matheus Carneiro



Infelizmente, não tenho tempo para estudar porque estou fazendo estágio. Mas, estou muito animada porque é hora de definir o meu futuro

Huanda Julya Avelino

HISTÓRIA

Tesouros naturais de Nazarezinho

Cidade situada na depressão do Alto Sertão abriga riquezas naturais, histórias do cangaço e resquícios de engenhos

Fernanda Dantas
Especial para A União

Nazarezinho, uma cidade pequena, com cerca de 7.200 habitantes segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esconde na depressão do Alto Sertão paraibano um povo com muita cultura, tradição e histórias para contar.

Segundo o historiador, pós-doutor em Educação e subsecretário de Educação de Nazarezinho Cleberson Araújo, a história do município começou na primeira metade do século 19, ainda que haja registros de povoações desde o século anterior, e seu nome está ligado diretamente aos primeiros habitantes. Chamada primeiramente de Fazenda Picos, batizada em referência ao monumento "Serrote do Pico", berço da cidade e que resiste até hoje, ponto turístico que resiste até hoje na natureza e ainda recebe visitas.

De acordo com o nazarezi-nhense Ricardo Vale, a fazenda se tornou vila depois de membros da família terem doado lotes de terra à igreja, e se transformado em "Nazareth do Pico". "Frades franciscanos pediram para mudar o nome para Nazaré, por conta de Nazaré da Galiléia, Nazaré da Terra Santa, e mudaram para Nazaré, depois

Nazaré de São Sebastião, por conta do padroeiro, e o primeiro prefeito da cidade mudou para Nazarezinho, deu esse nome com diminutivo", explicou a trajetória da alcunha.

Ainda, segundo ele, no histórico Serrote do Pico, podem ser realizadas algumas atividades como o ecoturismo e a prática de esportes, principalmente rapel. Outros pontos turísticos também incluem o Rio Piranhas, "que margeia também o Serrote do Pico, e é utilizado como balneário". Ele também incluiu na lista de atrativos a Serra de Santa Catarina e o Poço do Olho D'Água, uma nascente de água localizada na serra em questão. "A Serra de Santa Catarina está em processo de se transformar em Parque Estadual da Serra de Santa Catarina. Quanto ao Olho D'Água, ele é um poço que não seca, então, sempre tem água. Em períodos de estiagem, salva as comunidades próximas a ele", complementou.

Ao redor do famoso Olho D'Água, um misticismo é gravado no imaginário popular do povo de Nazarezinho. Cleberson conta a narrativa que envolve um velho frade, que, ao sentir próxima a sua morte, juntou em um grande caixão de couro e madeira uma grande quantidade de ouro e prata acumulada



Fotos: Divulgação



Ruas com casas antigas, a praça principal e o pôr do sol garantem charme à cidade

dos pelo religioso ao longo dos anos. O padre teria usado a força de escravos para a beira do poço e, antes de atirar o caixão na água, teria pedido a Deus que apenas pessoas de fé inalável conseguissem resgatar o tesouro e usá-lo em prol da caridade.

Ele continua: "Muitos anos depois da morte do padre, um grupo de viajantes que passa-

vam pelo local viram, submerso entre as pedras, a estranha urna, que imediatamente associaram a uma botija. Durante o esforço do resgate um dos homens, sentindo o peso do objeto que vinha sendo puxado por uma junta de bois gritou eufórico que, se todo aquele peso fosse um tesouro, dispensaria para sempre a ajuda de Deus. Nesse

momento, as correntes que sustentavam o enorme caixão se partiram, o tesouro novamente engolido pelas águas do poço e nunca mais foi visto", narrou.

Cleberson explicou que cerca de 90% da população nazarezi-nhense é católica e devota do padroeiro São Sebastião, protagonista de outra lenda da cidade. A história diz que uma criança, na

fazenda Picos, foi atingida por uma flecha, e o pai do menino teria prometido a primeira capela do município em honra ao santo. "De repente a criança começa a ficar boa e a flecha, que foi motivo do ferimento, desaparece", originando a fé local. Nazarezinho também conta com um fragmento ócio do corpo do santo na Igreja Matriz de São Sebastião.

“

A Serra de Santa Catarina está em processo de se transformar em parque estadual

Cleberson Araújo

Cidade chegou a ter 22 engenhos em funcionamento em tempos áureos

É impossível falar de Nazarezinho sem citar um dos elementos principais da trajetória da cidade: os engenhos de cana-de-açúcar. Segundo Ricardo Vale, o município já chegou a ter 22 engenhos em funcionamento, contando com três nos dias atuais. O negócio mais antigo e que ainda está em funcionamento é o Engenho João Luiz Ferreira, localizado no Sítio Cedro de Baixo e datado de 1813, sustentando uma produção de derivados de cana-de-açúcar mesmo depois de mais de 200 anos.

Entre os outros dois engenhos em atividade, um localiza-se também no sítio Cedro, e o outro no sítio Serrote dos Bois, ambos datados do século 20. "Eles geralmente moem a cana no período do final de setembro ao início de outubro, agora já está acabando o período de moagem, e eles também servem como atrativo turístico", comentou. Os principais produtos oriundos dessa atividade são a rapadura, tanto na versão tradicional quanto a batida na palha, alfenim, mel de rapadura, caldo de cana e a gamela, conhecida também como rapadura mole.

Ele explicou, ainda, que o João Luiz Ferreira é um dos poucos remanescentes dos primeiros engenhos no Sertão da Paraíba trazidos pelas primeiras sesmeiros dessa região, que provinham do litoral pernambucano onde a cultura da cana-de-açúcar era predominante. "Ele já possuiu as três forças motrizes utili-

zadas por engenhos desde o primeiro engenho da história, sendo elas: tração animal, puxado a boi; máquina a vapor, comprado no fim da década de 1920 do século passado, e hoje é movido à energia elétrica", destacou.

A tal máquina a vapor ainda existe, e está aberta à visitação na Casa de Cultura Júlia Rocha, vizinha ao produtor de rapadura. O herdeiro da indústria, cofundador da casa de cultura e subsecretário de Cultura, Turismo e Meio Ambiente de Nazarezinho, Cordeiro Maciel, conta que a associação surgiu em 2008 e está vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus, como o Museu Vivo da Cana-de-Açúcar do Sertão da Paraíba. "Ela foi fundada com o objetivo de dar visibilidade à memória secular e ao espaço do engenho, tornando ele em equipamento cultural. Quando ele não está na sua atividade de moagem,

a gente utiliza o espaço para projetos culturais de música, dança, teatro e audiovisual, por exemplo.

O projeto mais famoso da casa de cultura é o Arraiá na Bagaceira, realizado desde 2009 no período de festas juninas e que carrega esse nome em virtude de seu local de realização, onde se joga o bagaço da cana do engenho.

Conforme Cordeiro, o arraiá acontece em homenagem a São João Batista, e uma capela em homenagem ao padroeiro da festa está sendo construída no sítio. As festividades incluem, além da parte religiosa, momentos de teatro, dança, música e culinária. "A gente vai desde as celebrações das novenas, às quermesses, exibição audiovisual que é o projeto Cine-Sítio, teatro e muito forró pé de serra", declarou. Este ano, o arraiá teve uma duração de sete dias, de 17 a 23 de junho.

Cangaceiro Chico Pereira é nome ilustre que marcou a década de 1920

"Mas, sem dúvida nenhuma, se nós estamos falando de um filho ilustre da cidade, nós temos que falar de Chico Pereira". A frase do historiador Cléber Araújo mostra a influência da figura de Francisco Pereira Dantas, o cangaceiro Chico Pereira. Chico marcou, em meados da década de 1920, a do cangaço no cenário paraibano.

Francisco era filho de um influente coronel do município, quando ainda era distrito de Sousa, o senhor João Pereira. A entrada do jovem no cangaço teria acontecido justamente depois do assassinato de seu pai por disputas políticas. Segundo Cleberson, foi em busca de vingança que o filho de Nazarezinho traçou seu destino no cangaço, quando matou o assassino de seu genitor.

De acordo com os pesquisadores locais, Chico Pereira não era um cangaceiro caricato e não utilizava as principais vestimentas do cangaço. Ao invés disso, ele usava lenço no pescoço, cartucheiros, calças culote e chapéus de abas abertas.

Segundo a descrição de Cleberson, "Chico Pereira, sem dúvida nenhuma, é uma das figuras mais ilustres do município de Nazarezinho. Ele é o cangaceiro que vai vingar o seu pai, que monta o seu próprio bando, que chega a participar e ter grande proximidade com o Lampião, que desiste do cangaço, que mata os seus companheiros, que depois é preso e assassinado quando estava sendo levado para o Rio Grande do Norte. Ele é o cangaceiro que foi herói em algum momento, mas

que também foi bandido em grande parte de sua vida", complementou.

O maior resquício da presença do cangaceiro em Nazarezinho está na casa onde ele nasceu e se criou, que existe até hoje no sítio Jacu. A antiga residência foi tombada como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), em 23 de dezembro de 2021.

Apesar disso, a construção está descuidada e em ruínas, necessitando de reparos. Segundo Ricardo, a gestão do município "está correndo atrás dos reparos dessa casa". Chico também teve um filho, que se tornou padre e posteriormente escreveu o livro mais famoso sobre a trajetória do paraibano, chamado "Vingança, não!"



Foto: Divulgação

Engenho José Luiz Ferreira é um marco na história local



Fotos: Divulgação



A história de Chico Pereira tem forte influência sobre a cultura popular de Nazarezinho



Criador Henrique Magalhães ao lado das edições lusas de seu 'alter ego', na edição deste ano do Festival Internacional Amadora BD; Maria já recebeu um prêmio de Melhor Álbum Humorístico, em 2016, e foi tema de uma exposição, no ano seguinte

QUADRINHOS

Maria com sotaque lusitano

Às portas de ser cinquentona, personagem foi uma das atrações em influente festival de Portugal

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Criada há 48 anos pelo quadrinista paraibano Henrique Magalhães, a personagem Maria já possui leitores cativos em Portugal. No intuito de atender a esse público, o artista participou pela quarta vez do Festival Internacional de Banda Desenhada, considerado um dos mais importantes da Europa e cuja 34ª edição se encerra hoje, na cidade da Amadora, localizada na Região Metropolitana de Lisboa. No último dia 21, durante a programação do evento, ele realizou sessão de autógrafos de três álbuns: *Maria! Vida ordinária* (2022), *A maior das subversões* (2017) e *Seu nome próprio... Maria! Seu apelido, Lisboa!* (2015), todos publicados pela Editora Polvo. "É uma façanha extraordinária", disse ele, ao referir-se à receptividade dos lusitanos ao seu trabalho.

"É interessante como Maria tem ultrapassado o universo da realidade local para se tornar numa personagem com presença humorística mais abrangente, universal, de modo que teve uma ótima acolhida, por parte do povo português, que vive outra realidade, a qual é diferente do Brasil. Eu atribuo essa aceitação ao fato de que Maria, que celebrou aniversário no último mês de junho, não parou, mas foi acompanhando a evolução dos tempos e dos costumes. Ela representa o pensamento de uma geração, continua muito querida pelos leitores que a acompanham há vários anos e se mantém atualizada", observou Henrique Magalhães.

O quadrinista e editor paraibano participou da atual edição do Festival Internacional Amadora BD, sigla de "banda desenhada", como se denomina a história em quadrinhos

em terras lusitanas, a convite do editor da Polvo, o português Rui Brito. "Ele já conhece Maria há muitos anos e achou que era possível transportar a personagem para a realidade portuguesa, além do fato de eu ir muito para Lisboa. Esses três álbuns que autografei no evento, durante o qual também participei de um bate-papo com um crítico português especializado em HQ, são coletâneas de tiras e páginas sobre o cotidiano, a política e o social", disse ele.

Editor da Marca de Fantasia, Henrique Magalhães fez um balanço positivo de sua participação no festival em 2023. "Foi ótimo, porque a cidade de Amadora tem se destacado como um centro de excelência da história em quadrinhos, sendo um grande festival que atrai artistas de vários países, e que, no último dia 21, também contou com a participação de Mauricio de Sousa, que em junho passado recebeu o título de Cidadão Paraibano e é muito querido em Portugal. Na ocasião, falei com Mauricio sobre o primeiro encontro que tive com ele, nos anos 1980, no jornal *Folha de S. Paulo*, onde tinha um estúdio, e ressaltai a importância que ele tem nessa área das histórias em quadrinhos", comentou o paraibano.

O evento foi criado em 1990, por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora, com o objetivo de promover a banda desenhada, e onde, em edições anteriores, Maria já recebeu um prêmio de Melhor Álbum Humorístico, em 2016, e foi tema de uma exposição, no ano seguinte.

Em terras francesas

O humor crítico e contestador de Maria cativaram o público português, mas a personagem também já se fez presente no tradicional Festival Internacional de Banda Dese-

nhada de Angoulême, que se realiza nos meses de janeiro, na cidade homônima localizada no sul da França, país onde Henrique Magalhães fez, nos anos 1990, doutorado em *fanzine* e quadrinhos na área de sociologia. Para a próxima edição do evento, que é considerado um dos mais importantes do gênero, no mundo, ele informou que pretende inscrever a nova publicação, a de número 16, da personagem, a *Maria Magazine*.

Essa série reúne uma coletânea de HQs da sua personagem publicadas em jornais, nos anos 1980, mostrando, por exemplo, o momento anterior à votação da emenda constitucional Diretas Já, no final de 1983, mas já registrando a situação conturbada do contexto social, até porque a personagem Maria sempre manteve estreita ligação com a imprensa e os fatos do cotidiano, pois as utiliza como sua fonte, refletindo criticamente os desmandos do poder e transformando-se em porta-voz de muitos leitores. *Maria Magazine* ainda contém a continuidade da apresentação da série *Albertoverso*, em que o quadrinista paulista Alberto Pessoa, radicado na Paraíba, envereda por uma surpreendente produção de humor, com histórias curtas sobre vários aspectos da vida ordinária, bem como de autorreflexão. E, ainda, traz as tiras poéticas de Ju & Jigá, do mineiro Edgard Guimarães, no qual o autor se autorretrata, embora não seja uma autobiografia, inspirando-se nas travessuras e impertinência de sua sobrinha para criar pequenas tiradas de humor.

Natural da cidade de João Pessoa, Henrique Magalhães explicou que costumava ler muito as histórias em quadrinhos e decidiu criar a Maria por perceber que não existia uma personagem feminina pro-

tagonista nas publicações. "Maria é como se fosse meu *alter ego*, pois através dela transmito aquilo que penso e é uma personagem que também trata de temas ligados ao gênero feminino, como a relação lésbica, que costumo desenvolver nas histórias", disse o quadrinista.

Henrique Magalhães pretende prosseguir produzindo trabalhos sobre sua personagem e lançar obras pela editora independente Marca de Fantasia, que já publicou, inclusive, cinco livros de autores franceses, sendo quatro a respeito de histórias em quadrinhos e outro com ensaios abordando as HQs.



Registros da 34ª edição do Festival Internacional de Banda Desenhada, em Amadora, Região Metropolitana de Lisboa, que se encerra hoje; o evento é um dos mais importantes da Europa

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Estado laico ou ateu?

Comigo já aconteceu uma porção de vezes, até perdi a conta. Também já ouvi comentários semelhantes de outras pessoas sobre o assunto. Penso que acontece com muita frequência, em conversas descontraídas de amigos ou encontros fortuitos entre pessoas desconhecidas. Basta apenas que se comece um debate sobre política e religião e que algum indivíduo empedernido ou desavisado levante a bandeira do Estado laico. Bocas matraqueiam, mãos crepitam ruidosamente pelo ar e em meio a grunhidos – impublicáveis nesse jornal – partidários e antagonistas da ideia se chocam com a força de gigantes galáxias. Os mais religiosos gritam: “Isso é coisa de ateu!” Como se isso fosse a maior abominação do mundo. Daí por diante, segue-se uma longa e muitas vezes infrutífera tentativa de corrigir esse equívoco.

Em primeiro lugar, a laicidade é um princípio que não está necessariamente ligado à religião. E menos ainda constitui qualquer antagonismo a ela. Ele diz respeito à autonomia das atividades humanas, na medida em que procura garantir que elas não sofram interferências externas e possam operar de acordo com regras próprias

e legítimas. Sendo assim, um artista, por exemplo, poderá recorrer ao princípio toda vez que sua autonomia de criação e expressão estiver ameaçada; como também políticos, cientistas e religiosos que se encontrem sob as mesmas condições. Em poucas palavras: o princípio serve de escudo, portanto, para religiosos e não religiosos.

Na Idade Média, o Papa Gelásio I usava a expressão teoria das “duas espadas” para se referir ao que hoje chamamos princípio de laicidade. Ele propôs, na famosa epístola Duo Sunt, uma distinção entre o poder mundano dos imperadores e o poder espiritual dos papas, dando certa proeminência para este último. Muitos pensadores, entre filósofos e cientistas, de Guilherme de Ockhama, os iluministas Voltaire e Diderot, passando por livres pensadores como Bertrand Russell e modernos defensores das teorias da evolução como Richard Dawkins, em algum momento fizeram uso desse mesmo princípio.

É por isso que o Estado laico não pode ser considerado um Estado ateu. Afinal, ele não professa fé ou descrença religiosa. Não tem religião, cor, gênero e raça. Ele não é cristão, mulçumano,

budista, hinduísta, candomblecista, etc. É essencialmente neutro. Sem religião, moral, filosofia ou metafísica oficial.

Dessa forma, estamos falando de uma pré-condição para que os cidadãos tenham o direito individual de possuir ou não alguma religião e que possam desenvolver, livremente, suas atividades intelectuais. Tal princípio é um antídoto contra tiranias, inclusive aquelas que aparecem no interior das próprias sociedades democráticas.

Igreja

Na Idade Média, o Papa Gelásio I usava a expressão teoria das “duas espadas” para se referir ao que hoje chamamos princípio de laicidade

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

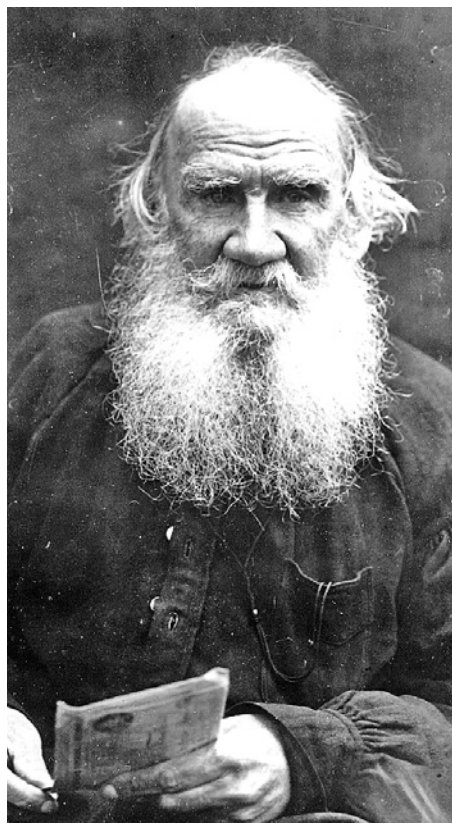
Estética e Existência

Teoria da arte segundo Tolstói

Lev Nikoláevitch Tolstói (1828-1910) nasceu em Yásnaya Polyana e foi um escritor russo. Sua obra abrange romances, novelas, contos e também trabalhos de não ficção. Ele é conhecido por apresentar em suas obras personagens trágicos, sátiras, ironias, uma visão crítica do nacionalismo, doutrinas morais, adultério, narrativas psicológicas, situações sociopolíticas, críticas à aristocracia e às religiões, bem como as contradições entre ceticismo e dogmatismo, entre outros temas. No livro *Os Cossacos* (1863), Tolstói explora a ideia de que a felicidade existe em estar em contato com a natureza, observá-la e conversar com ela. O seu trabalho mais reconhecido é o romance histórico *Guerra e Paz* (1869) que trata da invasão napoleônica. No final da década de 1870, Tolstói passou por uma crise existencial e redescobriu sua dignidade através dos ensinamentos de Cristo, em especial, o texto bíblico do Sermão da Montanha. Ao mesmo tempo, ele denunciava a corrupção presente nas igrejas cristãs, que distorciam os valores humanos do cristianismo. A partir dos anos 1890, Tolstói concentrou-se em escrever sobre questões morais, estéticas e políticas. Nessa fase, ele escreveu o livro *O que é arte?* (1898).

Lev Tolstói tinha uma visão desfavorável da arte europeia do século 19, a qual considerava artificial e perversa. Ele criticou todas as teorias estéticas da época por não reconhecerem que a finalidade da arte é o avanço moral da humanidade. Por exemplo, segundo o romantismo, a arte deveria buscar compreender a alma humana, embora a maioria das obras nesse período fosse associada ao realismo, como *Os Miseráveis* (1862), do escritor francês Victor Hugo (1802-1885). O movimento “arte pela arte” defendia que a arte não deveria ter qualquer outra finalidade além de si mesma. O decadentismo acreditava que a arte possuía valor autônomo e não poderiam existir obras de arte morais ou imorais. As noções de beleza e prazer que fundamentam a estética kantiana e a metafísica hegeliana do belo. Essas são algumas das críticas de Tolstói.

Foto: Reprodução



Escritor russo Lev Tolstói (1828-1910)

No livro *O que é arte?*, em seus 20 capítulos, Tolstói defende uma arte voltada para a simplicidade, a qual deve estar acessível a todos. A teoria da arte de Tolstói, apresentada no livro mencionado, no capítulo 5 – *Definindo a arte: uma definição de arte totalmente independente da noção de beleza*, inclui o conceito de arte funcionalista, onde a arte desempenha uma função na sociedade e também deve ser essencialista, ou seja, fazer parte da essência de todas as obras de arte desempenhar tal função. Tolstói afirma: “A arte é uma atividade humana que consiste em alguém conscientemente transmitir aos outros, por meio de sinais exteriores, os sentimentos que experimenta, de modo que outras pessoas sejam contagiadas pelos mesmos sentimentos, vivenciando-os também” (2019, p. 82). A arte é “um meio de comunicação indispensável para a vida e para a evolução em direção ao bem de um indivíduo e da humanidade, unindo-os nos mesmos sentimentos” (ibidem).

No capítulo 15 – *A diferença entre arte autêntica e arte falsa*. Sua teoria justifica que a arte contribui para o progresso moral da humanidade. A principal atração e característica da arte estão na união que ela promo-

ve entre os indivíduos. De acordo com Tolstói: “O grau de contágio é também o único indicador do valor artístico” (2019, p. 194). Portanto, “Quanto mais intenso o contágio, melhor é a arte em si (...) independentemente do valor dos sentimentos transmitidos” (ibidem). A arte se torna mais ou menos contagiosa dependendo de três condições: a particularidade do sentimento que é transmitido, a clareza na transmissão desse sentimento e a sinceridade do artista.

No capítulo 16 – *Avaliações de obras de arte*. Há o argumento de que a arte elimina os sentimentos negativos e possibilita a existência de sentimentos melhores e mais necessários para o bem da humanidade. Segundo Tolstói: “A arte é melhor em seu conteúdo quando cumpre seu propósito, e é pior quando o cumpre menos” (Tolstói, 2019, p. 197).

No capítulo 18 – *Quais as emoções que unem e contribuem para o aprimoramento moral da humanidade?* Segundo Tolstói: “Assim que a consciência religiosa (...) for conscientemente reconhecida, a divisão entre a arte das classes altas e baixas será anulada. (...) Quando isso ocorrer, a arte deixará de ser o que tem sido nos últimos tempos – uma forma de corrupção e de brutalização das pessoas – e se tornará o que sempre foi e deve ser: o progresso da humanidade em direção à união e ao bem” (2019, p. 231).

No capítulo 19 – *A arte do futuro*. Contrapondo a exclusividade da arte nas classes privilegiadas financeiramente, o escritor russo destaca o desejo de que a arte se torne universal e acessível a todas as pessoas, ou seja, a arte do futuro demanda clareza, simplicidade e concisão. Tolstói afirma: “O conteúdo da arte do futuro será apenas os sentimentos que atraem as pessoas para a união” (2019, p. 240).

Sinta-se convidado à audição do 443º Domingo Sinfônico, deste dia 29, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei o conceito de simplicidade no período clássico da música erudita, entre os anos 1730 a 1820.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O maior poeta

Carlos Drummond de Andrade é, sem dúvida, o maior poeta brasileiro. Não tem outro. Temos Manuel Bandeira, Augusto dos Anjos, Haroldo Campos, Ferreira Gular, João Cabral de Melo Neto, Mario Quintana, Mário de Andrade e outros, mas Drummond é o melhor.

Sem o menor receio de ser tomado pelos imbecis, presumo que a poesia estimula meus delírios, e desde logo, chego a ela pensando que poderei viajar com todas as dificuldades dessa arte incrivelmente difícil, que é a boa prosa.

Assim, penso que a posteridade é responsável ao nos indicar a composição dos versos, mas é ela também quem aponta para o melhor poeta brasileiro. Não estamos a falar em fileiras e também o gênero de muitos usuários que todos os dias encontram formas de mostrar seus versos, e se afirmando poetas. Tenha paciência.

Quem mais alimenta essa assertiva de que arte pode funcionar como uma ligação de palavras, não tem ideia de como Drummond escreveu milhares de poemas, como se as palavras fossem suas, e não do idioma. Creio que o poeta de Itabira não escrevia para os troca-tintas do ego, sendo que qualquer leitor com algum discernimento consegue dar-se conta da superioridade dessa investida. Drummond não dava uma hora.

A este respeito, Ezra Pound deixou um aviso essencial: “Não pense que a arte da poesia é de algum modo mais simples que a arte da música, ou que pensa agradar ao especialista antes de fazer, pelo menos, tanto esforço na arte do verso como o vulgar professor de piano gasta na arte da música...” “Deveríamos parar por aqui, mas o espaço da coluna pede mais.

Ezra adianta ainda que, se o cientista não espera ser aclamado como um grande cientista até ser descoberta alguma coisa, isso o obriga a começar tudo de novo. Pode ser por aí...

Aprender com os versos de Drummond é a melhor escola, o cara fala do leiteiro, da nudez, do amor, da pedra, do caminho, do vestido, das cidades, suas descobertas da linguagem corrente, temas do cotidiano, reflexões políticas e sociais e desse ponto, podemos partir para o esforço de impor algo novo. É difícil. Não tem.

É natural que os novos poetas que estão sempre de malas feitas, distribuídos pelas escalas, sempre à espera de um lugar na literatura, nunca o da posteridade, não são poetas, e, certamente detestam a figura do crítico, (e eu não sou crítico de nada, sou de virgem ascendente escorpião ou signo nenhum) aquele que segundo Walter Benjamin encara o seu papel como o de uma “estratégia do combate literário”. Foi Benjamin quem disse que nos anos 1980 não haveria espaço para ninguém dentro dos aposentos.

Quem lê Drummond sabe que a fonte é inesgotável e, como ele entendia que os versos, com ou sem rimas se firmavam na vida da gente e não era um mero pica dessa composição.

Para ler Drummond não precisa da interpretação, estamos lá, os humores que nos levam para a possível eternidade. O poeta sim, ficou para a eternidade, seus indicativos, flechadas. É como se ele estivesse sempre lançando venturas, suas noites de prazer, e de algum modo, um pajé do seu tempo.

Sempre cobiçoso, Carlos Drummond de Andrade é de um belo horizonte, que ele mesmo admitiria que, se chegasse de fato muitos aplausos e elogios, logo o desiludiria. O poeta maior brasileiro parecia ser tímido, mas só parecia. Era um danado!

Kapetadas

1 - “A guerra é um massacre entre gente que não se conhece para proveito de pessoas que se conhecem, mas não se massacram.” (Paul Valéry, 1871-1945, escritor, poeta e filósofo francês.);

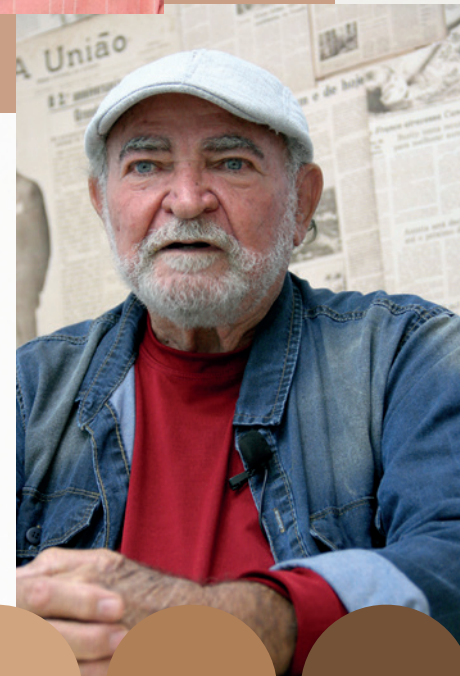
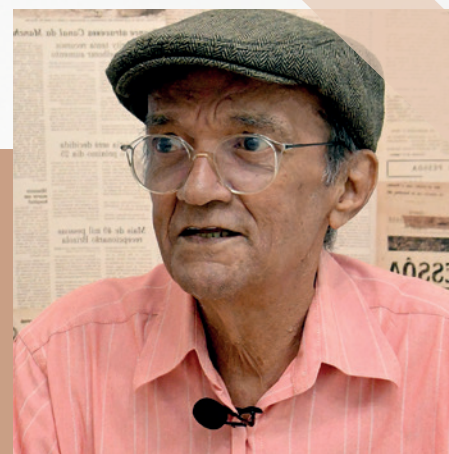
2 - Pela indisposição do Hamas e de Israel, cessar-fogo na Faixa de Gaza só quando lá faltar vítimas.

Foto: Reprodução



Estátua do poeta Drummond, na praia de Copacabana (RJ)

Colunista colaborador



Fotos: Edson Matos/Marketing EPC

Memórias A UNIÃO

Memórias são entrevistas exclusivas que destacam não apenas a história do jornal, mas também a evolução da imprensa na Paraíba e as mudanças que ocorreram ao longo das décadas. Conheça narrativas fascinantes dos ex-colaboradores do jornal A União.

Todo domingo novas histórias em nosso canal do Youtube.

 **uniaogovpb**

35 ANOS DEPOIS

Constituição já teve 131 emendas

Professor da UFPB, Solon Benevides diz que número de mudanças é aceitável para modelo da Carta Magna

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Ao longo dos seus 35 anos de existência, recém completados no último dia 5 de outubro, a Constituição Brasileira passou por ajustes, adequações e inovações necessárias durante as décadas que se seguiram. De acordo com o professor de Direito Constitucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Solon Benevides, o documento já passou por 131 emendas, um número considerado aceitável para a forma como o documento foi construído, em sua opinião.

Apesar das evoluções que ocorreram no mundo nas últimas três décadas, a exemplo da tecnológica e das mudanças na sociedade, o professor enfatiza que não há necessidade de uma nova Constituição para o Brasil. Na sua avaliação, o documento de 1988 preserva a democracia do país, considerada ainda jovem por ele. “Essa é a Constituição mais democrática na história do Brasil. Apesar de ter sido feita em 1988,

é moderna de estado social e abrange algo no direito que é o novo constitucionalismo latino-americano”.

Solon Benevides explicou que o novo constitucionalismo, que também existe na Constituição do Equador e da Bolívia, significa que as constituições têm uma gestão voltada para pessoas de grupos sociais que nunca foram vistos por constituições em países da América do Sul, a exemplo do indígena. “A nossa Constituição observa todos os segmentos e vem sendo modernizada na medida em que tem ocorrido emendas constitucionais”.

Ele explicou que as mudanças realizadas até aqui correspondem ao tipo de Constituição do país, considerada programática. “Temos uma Constituição programática principalmente no que se refere a observar problemas sociais, exigindo que o Estado atue para resolver esses problemas”.

O professor usou como exemplo a Constituição dos Estados Unidos da América (EUA), que tem mais de 200

anos e princípios onde o Legislativo precisa respeitar a autonomia dos estados americanos para legislar. “Nos EUA algumas leis são produzidas para o próprio estado. Diferente do Brasil, que temos concentração no governo da União”, comentou Solon Benevides.

“

A nossa Constituição observa todos os segmentos e vem sendo modernizada na medida em que tem ocorrido emendas

Solon Benevides



Para Solon, Constituição é programática no que se refere a observar problemas sociais

Democracia exige ordenamento jurídico e organização de poderes

A Constituição é o maior conjunto de normas que rege o país. Ela estabelece, por exemplo, direitos e deveres das cidadãs e dos cidadãos, disciplina o ordenamento jurídico e organiza o papel do poder público, definindo atribuições dos municípios, estados, União e dos Três Poderes da República. Desde a promulgação da atual Constituição, o Brasil vive o mais longo período de estabilidade institucional de sua história.

Segundo explicou o professor, as modificações visam, acima de tudo, preser-

var a democracia do país. “Durante trezentos anos fomos colônia de Portugal, durante cerca de 100 anos fomos Império, tivemos rupturas como a Revolução de 30, Golpe de Vargas, o Golpe Militar de 1964, democracia mesmo só temos de forma plena de 1985 para cá”, afirmou.

Um dos exemplos citado pelo especialista de que a democracia representada pela Constituição precisa ser preservada é o que aconteceu no dia 8 de janeiro deste ano, em Brasília, vandalismo aos Três

Poderes que ficou conhecido como “atos golpistas”. Ele usou a forma como o Supremo Tribunal Federal (STF) tem agido com os réus como um exemplo de como preservar a democracia.

“O exemplo mais prático que tivemos foi o 8 de janeiro, com as pessoas que insuflaram a tentativa de um golpe. Temos sido eficazes nesse aspecto e esperamos que venhamos a ser mais eficazes e que haja uma conscientização da sociedade que o caminho é a democracia”, enfatizou.

Mudanças são necessárias para preparar o avanço tecnológico

A tecnologia tem avançado nos últimos anos, com a criação de Inteligências Artificiais, por exemplo, capazes de criar e recriar informações com muita facilidade. A pergunta envolta do tema é se há leis suficientes no Brasil para compor esse avanço. Na opinião de Saulo Benevides, não é necessário que haja mudanças na Constituição para que o país tenha uma legislação mais sólida a respeito do assunto.

De acordo com ele, a Constituição Federal estabelece princípios que norteiam a legislação. Na sua opinião, o Marco Civil da internet é um exemplo da regulamentação da tecnologia no país. “Eu acho que essa questão deve ficar na legislação infraconstitucional, mas precisamos de mais legislação para regulamentar o avanço da tecnolo-

gia, não necessariamente na constituição”, comentou.

Ele explicou que mudar a Constituição exige um coro específico e que não é necessário em todos os temas. “A mudança na constituição é rígida. Mas é necessário para que haja uma preservação da democracia”.

Segundo informações da Agência Senado, uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) pode ser apresentada pelo presidente da República, por um terço dos deputados federais ou dos senadores ou por mais da metade das Assembleias Legislativas, desde que cada uma delas se manifeste pela maioria relativa de seus componentes.

Além disso, não podem ser apresentadas PECs para suprimir as chamadas cláusulas pétreas da Constituição

(forma federativa de Estado; voto direto, secreto, universal e periódico; separação dos poderes e direitos e garantias individuais). A PEC é discutida e votada em dois turnos, em cada Casa do Congresso, e será aprovada se obtiver, na Câmara e no Senado, três quintos dos votos dos deputados (308) e dos senadores (49).

■ **Constituição estabelece princípios que norteiam a legislação. Na opinião de Saulo Benevides, o Marco Civil da Internet é um exemplo**

Atualizações mostram dinâmica e flexibilidade das relações sociais

O texto constitucional passou pela dinamicidade e a flexibilidade das relações sociais, a exemplo do que era compreendido a respeito de família. “A permissão do casamento homoafetivo foi uma interpretação ao Código Civil brasileiro da definição sobre família, que é a união de homem e mulher, como está na redação ainda no Código Civil. Numa DPS, o Supremo decidiu que deveria ser interpretado que a família é constituída por pessoas e sexo diferente ou do mesmo sexo. E isso proporcionou o casamento homoafetivo”, explicou Solon Benevides.

O professor Solon Benevides enfatizou, ainda, que essa é uma realidade que deve ser reconhecida na sociedade, a partir de

um princípio presente na Constituição: “um dos princípios é o respeito à dignidade da pessoa humana, que deve ser preservado e respeitado”, afirmou.

Princípio

Segundo ele, foi em respeito a esse princípio, presente na Constituição, que houveram avanços, não apenas a respeito das relações homoafetivas, mas também nos direitos das mulheres. “Tivemos avanços na legislação infraconstitucional. A Lei Maria da Penha representa aquilo que está na Constituição, homens e mulheres são iguais perante a lei. O feminicídio também é uma inovação importante para proteger a mulher. Infelizmente ainda temos esses casos de violência, mas já

avancamos. No Código Civil anterior, por exemplo, a mulher, para ter um comércio ou uma empresa, precisava da autorização do marido”.

União

Permissão do casamento homoafetivo foi uma interpretação ao Código Civil Brasileiro da definição sobre família



Foto: Divulgação

A Constituição precisa de atualizações para acompanhar o desenvolvimento social, político e jurídico da sociedade



Ágata Bettencourt, Conceição Marsicano, Thomas Bruno Oliveira, Paulo Barreto, Joana D'Arc Aguiar, Selma Lianza, Fernanda Melo, Inaldo Leitão e Gil Figueiredo são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

MD
moura dubeux

O paraibano de Lagoa de Dentro, Carlos Antônio Vieira Fernandes, é o novo presidente da Caixa Econômica Federal, em substituição a Rita Serrano. Ele era o Superintendente de Negócios da mesma entidade bancária na Paraíba, no ano de 1996, ano em que escrevemos, minha mãe e eu, o livro "Caixa Econômica Federal-SUA HISTÓRIA NA PARAÍBA", foi também, entre outras funções desempenhadas, ministro interino das Cidades e Integração, no governo de Dilma Rousseff.



Jornalistas associados da Federação Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Turismo - seccional paraibana (FEBTUR-PB),



reuniram-se no auditório do órgão estadual de turismo do Estado da Paraíba (PBTur), neste mês de outubro, para realizar a primeira reunião ordinária, pós-registro da entidade no Cartório Toscano de Brito. Na ocasião, foram discutidos temas afins, como, entre outras pautas, a carteira dos associados com modelo idealizado pela jornalista Ira Lauren; definição da data festiva da posse desta primeira diretoria; agilização de documento que ateste que o turista esteve na Ponta do Seixas (o ponto extremo oriental das Américas e do Brasil); elaboração de requerimentos para que a FEBTUR-PB tenha cadeira em conselhos de turismo municipais e Estadual, além de calendários das reuniões ordinárias do próximo ano.



O casal, Geraldo Gomes de Oliveira Filho e Maria Suely Araújo de Oliveira, vivenciou um momento único e especial de sua família: o casamento civil de sua filha Juliana Maria Oliveira Colaço com Gutenberg Bismarck Colaço Lima.

Na noite da última terça-feira (26), lancei o meu livro "Dona Cotinha, a Vacca Voadora", durante a realização de mais uma edição do Pôr do Sol Literário, evento cultural liderado pelo jornalista Helder Moura. No evento, realizado na Livraria do Luiz, registrei momentos importantes e preciosos. Confira.



Aldenor Holanda, sempre acompanhado da esposa Evany Holanda, recebeu da Assembleia Legislativa da Paraíba, o título de Cidadão Paraibano. Logo após a concorrida solenidade, o novo paraibano recepcionou familiares e amigos com animado coquetel no Holanda's Prime, para festejar o título e comemorar mais um ano de vida.

No dia 31 de outubro, no largo em frente à PBTur, das 8h até às 16h, a Associação dos Guias de Turismo da Paraíba (AGTPB), entidade presidida por Ricardo Machado, vai realizar a importante ação social, "Doe sangue, doe vida", em parceria com o Hemocentro e restaurante Sabor dos Mares.

Com muita satisfação, a convite do escritor Everaldo Dantas da Nóbrega e com a chancela do presidente José Mota, dois sertanejos de fibra, aceitei ser a nova integrante da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba. Além de mim, fazem parte dessa importante confraria, entre outros, os colegas Socorro Lucena, Renato, César, Aroaldo Sorrentino Maia, Evandro Dantas da Nóbrega, Magno Roberto Nicolau, Eliane Dutra Fernandes, Thomas Bruno Oliveira e Francelino Soares.

O escritor e jurista Agassiz de Almeida, casado com a querida Giselda Almeida, já se preparando para lançar mais uma obra, desta vez abordando sua rica biografia. "Memórias da Minha Vida" é o título do novo livro dele, que foi deputado federal constituinte e chegou a ser político na Ilha de Fernando de Noronha.

O Sistema Arapuã de Comunicação, liderado pelo empresário João Gregório, firmou parceria com a Rede Bandeirantes para retransmitir a programação nacional da Band TV na TV Arapuan, exibida em João Pessoa pelo canal 14.1 na TV aberta e no canal 521 da Net.

Selic Fixado em 20 de setembro de 2023 12,75%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial +0,46% R\$ 5,013	Euro € Comercial +0,59% R\$ 5,298	Libra £ Esterlina +0,35% R\$ 6,077
---	---	--	--	---



BLACK FRIDAY

Lojas preparam promoções e consumidor vigia preços

Data é aguardada pelo comércio, que projeta alta do faturamento em 17%

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Black Friday vai acontecer no dia 24 de novembro, mas os consumidores já estão pesquisando preços para averiguar se as lojas vão realmente conceder os descontos anunciados. Pesquisa do Google aponta que as buscas pela data no Brasil cresceram 24%, em comparação ao período do ano anterior. A projeção da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm) é de um faturamento de R\$ 71 bilhões, no e-commerce, com um aumento de 17% sobre 2022.

O estudo revela que 91% dos brasileiros vão usar canais on-line para pesquisar os preços dos produtos de seu interesse. A servidora pública Landaci Silva está pesquisando o preço de *smartphone* e de geladeira tanto nas lojas do comércio físico, quanto no eletrônico. “Preciso comprar os dois produtos, mas vou esperar um pouco mais para obter algum desconto com a Black Friday. Eu faço esse monitoramento

para comprovar se as ofertas realmente valerão a pena”. Ela acredita que o consumo deve superar a marca de R\$ 6 mil.

O servidor público Túlio Melo normalmente espera para comprar algo que necessita, mas geralmente se frustra com os índices de descontos. “Eu pesquiso nas semanas prévias, mas vejo pouca diferença nos preços”. Já o microempresário Alysson Tomaz aguarda para comprar cosméticos de marcas internacionais por preços menores. “Eu compro ocasionalmente, independente da Black Friday, mas se os valores caem, é melhor”.

De acordo com o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL-JP), Nivaldo Vilar, as ofertas no comércio físico podem surgir já no começo do mês de novembro. “Embora a data promocional seja na última sexta-feira do mês, o brasileiro gosta de antecipar as coisas”, afirma.

Por causa da força do evento no calendário do varejo brasileiro, Nivaldo Vilar estima um esfriamento das vendas

na primeira quinzena do mês. “Muita gente vai esperar para comprar o que necessita na Black Friday. Justamente por isso, pode ser que alguns lojistas antecipem promoções”.

O microempresário Alysson Lima, proprietário da Nova Cell, em Patos, já está com sua campanha de Black Friday pronta. “Iremos lançar na primeira semana de novembro a proposta de nossa campanha e depois os clientes irão ter acesso aos descontos e conhecer os produtos em promoções. Essa expectativa contribui para o aquecimento das vendas, sendo uma estratégia que adotamos para tornar a loja mais conhecida, manter a carteira de clientes e fidelizar os que irão chegar”.

67% pretendem comprar

Pesquisa do Google aponta que 67% dos brasileiros pretendem fazer compras no período, e 25% deles devem gastar mais de R\$ 1 mil com a aquisição dos produtos. Segundo o estudo, 70% dos consumidores esperam gastar igual ou mais

Estudo revela que 91% dos brasileiros vão usar canais pela internet para pesquisar os preços dos produtos de seu interesse

do que no ano anterior.

De acordo com a ABComm, os segmentos mais procurados pelos consumidores são os de eletrônicos, eletrodomésticos e moda. Também é destaque o de perfumaria, cosméticos e beleza. “Apostar nesses segmentos para composição de um mix de produtos pode ser uma boa alternativa. Estamos próximos do verão e das férias, e vale a pena investir em itens voltados à proteção solar e aos cuidados com a pele”, ressalta Mauricio Salvador, presidente da ABComm.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Crescimento da população: ameaças e oportunidades em JP

Recentemente, João Pessoa se destacou por experimentar um grande aumento em sua população, figurando entre as 20 cidades com as maiores populações do Brasil e alcançando o 4º maior crescimento populacional. Conforme o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de João Pessoa atingiu 833.932 pessoas, representando um aumento de 110.417 habitantes em comparação com o Censo 2010. Observando o Nordeste, João Pessoa se destaca como a capital que mais recebeu novos moradores.

Essa mudança na demografia tem sido amplamente celebrada, mas é crucial avaliar se esse crescimento é motivo de comemoração ou preocupação. Afinal, esse fenômeno tem um impacto significativo na economia da cidade, mas apresenta desafios a longo prazo, que podemos compreender melhor à luz da teoria do crescimento de Solow (Nobel de 1987). O modelo busca explicar discrepâncias de crescimento entre diferentes regiões, oferecendo uma compreensão valiosa de como o crescimento populacional, o avanço tecnológico e outras variáveis, como poupança e investimentos, influenciam o estoque de capital de uma economia, afetando o bem-estar da sociedade. No caso de João Pessoa, nosso foco estará no crescimento da população.

Solow introduz o conceito de “estado estacionário”, que representa um equilíbrio econômico de longo prazo no qual a renda por pessoa permanece constante, indicando que a produção e a renda disponível por indivíduo não aumentam mais. Em sua análise, ele considera não apenas o crescimento populacional, mas também o investimento e a depreciação, que influenciam a acumulação de capital pelos trabalhadores. O investimento aumenta o estoque de capital, enquanto a depreciação provoca sua redução. Entretanto, o aumento no número de trabalhadores é uma terceira força que afeta a quantidade de capital por trabalhador, reduzindo-a. Portanto, o crescimento populacional afeta o crescimento econômico sustentável de uma região de três maneiras essenciais.

Em primeiro lugar, a necessidade de produzir mais e investir em recursos para atender à crescente demanda populacional aproxima João Pessoa do conceito de crescimento econômico sustentável, promovendo o desenvolvimento. Por outro lado, a teoria oferece uma explicação para as diferenças de riqueza e pobreza que podem surgir, ou seja, regiões com maior crescimento populacional tendem a ter níveis mais baixos de renda por pessoa. Em terceiro lugar, níveis mais baixos de renda por pessoa afetam diretamente o padrão de vida dos moradores.

Portanto, o modelo de Solow destaca que em regiões com uma alta taxa de crescimento populacional, a quantidade de capital por trabalhador tende a diminuir quando atinge o “estado estacionário”. Isso, por sua vez, resulta em níveis mais baixos de renda por trabalhador. Simplificando, o rápido crescimento populacional torna desafiador manter um nível significativo de capital disponível para cada trabalhador, a menos que ocorra um avanço tecnológico capaz de estabelecer um novo equilíbrio. Além disso, o modelo de Malthus ressalta outra consideração importante: a pressão sobre os recursos naturais. Por fim, é importante que a capital leve essas dinâmicas e teorias em consideração em seu planejamento estratégico para o futuro, visando alcançar um crescimento econômico sustentável.



Pesquisa realizada pelo Google mostrou que 25% dos consumidores devem gastar mais de R\$ 1 mil na aquisição de produtos na data

Compras prometem movimentar e-commerce

O consumo dos brasileiros pode movimentar o e-commerce de outros países. Levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), em parceria com a Offerwise Pesquisas, aponta o crescimento da preferência dos consumidores brasileiros pelas plataformas de vendas estrangeiras.

A pesquisa indica que 74% dos entrevistados afirmaram comprar em lojas on-line de varejistas internacionais. Como a pesquisa permitia mais de uma resposta, 71% responderam comprar em sites de varejistas nacionais. Entre os participantes, 76% dos consumidores realizaram compras pela internet nos últimos 12 meses. A estimativa é de que 117,25 milhões de pes-

soas compraram pela nessa modalidade pelo menos uma vez nos últimos 12 meses.

Faturamento ampliado

A Black Friday e, em seguida, o Natal, são duas das principais datas para o varejo, com oportunidades de aumento do faturamento. Mas para conseguir um bom desempenho, é preciso que os lojistas planejem a gestão do empreendimento, considerando o perfil do cliente, o estoque disponível, os preços promocionais e os meios de pagamento, aponta o Serviço Brasileiro de Apoio aos Micro e Pequenos Negócios na Paraíba (Sebrae-PB).

“Essas datas alimentam uma alta expectativa do setor de comércio e serviços, que enxerga uma real possibilidade de elevar os resulta-

dos do negócio nesse período final do ano. No entanto, assim como em outras ações, é preciso que o empreendedor adote algumas cautelas para alcançar o desempenho esperado”, afirma o gerente da agência regional do Sebrae-PB em Sousa, Thiago Lucena.

A orientação do Sebrae é que a empresa tenha claro o quanto precisará investir nas campanhas, dimensionando, por exemplo, quanto aportará para a compra de estoque, divulgação e decoração de lojas físicas, entre outros aspectos. Conhecer o perfil do cliente permitirá a execução de estratégias compatíveis com as expectativas e necessidades.

Quanto ao estoque, é preciso avaliar a disponibilidade e a capacidade de atendimento para não frustrar o consu-

midor, em caso de aumento de demanda. O Sebrae também indica a montagem de combos e pacotes promocionais para atrair os clientes, e até conceder descontos exclusivos aos mais antigos. Para finalizar a venda, é necessário ofertar uma diversidade de métodos de pagamento e condições de parcelamento.

Risco de fraudes

Com o alto número de operações, as tentativas de fraudes também podem ser majoradas. Conforme o Relatório Varejo 2023, no Brasil, as tentativas de fraude de pagamento cresceram 36% no ano passado, o que acarretou em ataques cibernéticos ou no vazamento de dados dos consumidores. As perdas com transações fraudulentas e estornos cresceram 51%.

PLANO NACIONAL

Indústria cobra metas para COP-28

CNI aponta que é necessário ter estratégias para monitorar os compromissos assumidos no acordo por cada país

Agência CNI

Negociadores de mais de 190 países terão um desafio importante na Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas, a COP-28, que neste ano vai acontecer de 30 de novembro a 12 de dezembro, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos: avançar nas negociações climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU).

Esta será a primeira vez desde que o Acordo de Paris foi assinado - em 2015 - que as nações farão uma avaliação do progresso feito até agora no combate às mudanças climáticas. E, após a COP-28, os países terão até 2025 para apresentar os novos planos nacionais para o cumprimento das metas do Acordo de Paris - as chamadas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs, na sigla em inglês).

Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), os planos nacionais são instrumentos que garantem o monitoramento e acompanhamento efetivo da implementação das NDCs, que correspondem às metas e aos compromissos de redução de emissões de gases do efeito estufa (GEE) assumidos por cada país que assinou o acordo. As NDCs são específicas para cada nação, pois foram traçadas conforme a realidade e as especificidades dos países signatários do tratado.

Além de frear os avanços das mudanças climáticas, as NDCs funcionam como métricas para que todas as nações colaborem com esse esforço global. Por esse motivo, os países vêm desenvolvendo e apresentando os seus planos nacionais para implementação das suas NDCs.

No caso do Brasil, a NDC submetida tem como meta reduzir em 37% suas emissões até 2025 e em 50%, até 2050, em relação aos índices de 2005. A estratégia de implementação para a NDC, com os setores ou segmentos da economia prioritários ainda está sendo construída pelo governo.



Foto: Freepress

Será a primeira vez, desde o Acordo de Paris, em 2015, que as nações farão uma avaliação do progresso feito até agora no combate às mudanças climáticas

Setor

CNI destacou duas ações consideradas importantes: avançar na implementação do mercado global de carbono e mobilizar os países para o financiamento climático

Nações farão balanço do Acordo de Paris

Em posicionamento divulgado neste mês, a CNI apontou que é fundamental que os países comuniquem, com transparência e estratégia, as medidas setoriais e as políticas a serem tomadas para implementar a NDC. Além disso, na COP-28, haverá a divulgação do primeiro Balanço Global (Global Stocktake - GST). Esse é um mecanismo de transparência do Acordo de Paris, previsto no artigo 14, e

tem o objetivo de avaliar e divulgar o progresso coletivo nas metas de longo prazo do acordo entre os países-membros.

Como o GST vai considerar, para a sua análise, três áreas temáticas - mitigação, adaptação e meios de implementação -, as estratégias de implementação das NDCs são fundamentais para viabilizar essa avaliação e garantir que esse monitoramento seja trans-

parente. Essas estratégias também têm impacto positivo nas negociações internacionais, em especial, quando se trata do artigo 6 do Acordo de Paris, referente aos instrumentos para a consolidação de um mercado internacional de carbono - ainda não regulamentado pelos países signatários do tratado.

Um dos pré-requisitos para os países participarem do mecanismo é "preparar,

comunicar e manter uma contribuição nacionalmente determinada (NDC)".

Ações necessárias

A CNI também elencou, em seu posicionamento, outras duas ações consideradas necessárias pelo setor industrial para o desenvolvimento da agenda climática: avançar na implementação do mercado global de carbono e mobilizar os países para o financiamento climático.

Sete motivos que tornam o país protagonista nos debates

O Brasil lidera os debates mundiais sobre mudanças climáticas desde a Conferência de Meio Ambiente, em Estocolmo, passando pela Eco92, Rio+20, Acordo de Paris e deve ser protagonista, mais uma vez, da COP28. Abundância de recursos naturais, matriz energética limpa e biocombustíveis são alguns dos fatores que colocam o país no centro das atenções do evento, segundo a CNI, que cita sete motivos, ao todo:

1. Recursos naturais

O Brasil possui a segunda maior cobertura florestal do mundo (60% de seu território) e abriga 20% da biodiversidade do planeta, além de ser detentor de 12% da água doce do globo terrestre.

Essas características permitem o país avançar, por exemplo, na agenda da bioeconomia - que tem como uma de suas bases o uso da biodiversidade para o desenvolvimento

de novos bens e serviços sustentáveis e é, atualmente, uma das áreas mais promissoras no mundo dos negócios.

2. Energia limpa

O Brasil também já se encontra na vanguarda da transição energética, com elevada participação de fontes renováveis na matriz energética e segue em uma trajetória sustentável, ampliando e diversificando, cada vez mais, o uso dessas fontes. A participação das renováveis na matriz energética brasileira hoje é de 45%, mais que o triplo da média mundial, que é de 14%.

Em 10 anos estima-se expandir em 30% a oferta interna de energia e, assim mesmo, o país deve manter a participação das energias renováveis na matriz energética próxima de 48%.

3. Projetos ambiciosos

O hidrogênio sustentável é uma das mais promissoras so-

luções para o futuro da energia e representa uma grande oportunidade para a indústria brasileira se descarbonizar, manter sua relevância frente à transição energética e ajudar o país a cumprir as metas e compromissos pactuados nos acordos climáticos.

Um estudo divulgado pela CNI mostrou que somente os projetos de larga escala anunciados a partir de 2021 somam investimentos de cerca de US\$ 500 bilhões até 2030.

Já em relação à energia eólica offshore, a CNI estimou o potencial energético brasileiro em cerca de 700 GW (3,6 vezes a capacidade de energia instalada atualmente no país).

Além de ajudar o Brasil no cumprimento das metas definidas pelo Acordo de Paris, há a expectativa de que o setor eólico - onshore e offshore incluídos - empregue cerca de 2,2 milhões de pessoas até 2030 e mais 2,1 milhões até 2050 no mundo.

4. Biocombustíveis

O Brasil é o segundo maior produtor de biocombustíveis do mundo, atrás dos EUA. No país, as empresas estão aperfeiçoando e diversificando matérias-primas para a produção de combustíveis renováveis que serão vantajosos no processo de descarbonização dos meios de transporte antes da "popularização" dos veículos elétricos, prevista para ocorrer mais no longo prazo.

Além disso, a gasolina já tem 27,5% de etanol em sua mistura, e o Governo Federal estuda aumentar esse percentual para 30%. No caso do diesel, o Executivo espera crescer a proporção da mistura obrigatória de biodiesel no diesel fóssil de 12% para 20%.

5. Cadeias globais

A mudança climática e fatores geopolíticos abriram uma janela de oportunidade para que países com vantagens comparativas na produ-

ção de energia limpa e renovável possam atrair plantas manufatureiras intensivas no consumo de energia em seus processos produtivos, o chamado *powershoring*.

Entre as 20 maiores economias do mundo, o Brasil é o que mais tem fontes renováveis de energia. Além dos parques eólicos, da energia solar e de biomassa, os projetos de hidrogênio verde têm se multiplicado.

6. Desmatamento

O Brasil chegará à COP-28 com um dado animador. O desmatamento na Amazônia caiu 33,6% no primeiro semestre de 2023, em relação ao mesmo período de 2022. Somente em junho, a redução foi de 41%, atingindo o menor nível de devastação desde 2018. Segundo o Governo Federal, o número de autos de infração nesse período subiu 166% na Amazônia, para 3.341, com a aplicação de R\$ 2,3 bilhões em multas.

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), por sua vez, aplicou 1.141 autos de infração na Amazônia no primeiro semestre, o que representa um aumento de 348% em relação à média dos primeiros semestres dos quatro anos anteriores, com R\$ 125 milhões em multas.

7. Fundo Amazônia

No início do ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva oficializou a retomada do Fundo Amazônia, programa de apoio a medidas de proteção da região financiado com recursos estrangeiros. A decisão integrou os primeiros atos do novo governo.

O Fundo Amazônia desempenha papel central no apoio às ações necessárias à reversão das novas tendências de desmatamento. Atualmente, conta com R\$ 3,9 bilhões em caixa, doados por Noruega e Alemanha.

SEMIÁRIDO NORDESTINO

Pesquisadores desbravam a Caatinga

Região recebe professores de universidades brasileiras e do exterior em busca de mais sobre o bioma

Renato Félix
Assessoria Sectis

Pesquisadores de universidades do Brasil e do exterior estão desde 2019 realizando expedições em regiões do Semiárido nordestino para produzir conhecimento sobre a Caatinga, um bioma por muitos anos visto preconceituosamente como pobre e estéril. O destino atual são as dunas do Rio São Francisco, no município baiano de Casa Nova. A pesquisa faz parte do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex), financiado pelo Governo do Estado através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB), que é ligada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, e pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e do edital Demanda Universal, também da Fapesq-PB.

“Essa região em que estamos coletando agora é de alto endemismo de Caatinga”, conta Daniel Mesquita, doutor em Ecologia Animal pela Universidade de Brasília (UnB), professor do curso de Biologia da UFPB e coordenador do projeto. O endemismo é um termo utilizado na biologia para indicar que a distribuição de um conjunto de espécies se limita a uma região geográfica reduzida: só é possível encontrá-la de forma natural nesse determinado lugar.

“A imensa maioria dos endêmicos de Caatinga ocorre nessas regiões de dunas do Rio São Francisco”, continua o professor. “Não existem dunas só aqui em Casa Nova, existem em outras localidades também: em Xique-Xique, Barra, por exemplo. Mas aqui é um dos lugares que tem muitas espécies que se encontram na lista de ameaçadas de extinção”.

No projeto “Passado, presente e futuro da Caatinga: história, ecologia e conservação da herpetofauna frente às mudanças ambientais”, os pesquisadores capturam espécies para coletar material genético. A partir daí, tentam avaliar o risco de extinção das espécies. Herpetofauna é o nome dado à população de répteis e anfíbios de uma determinada área.

“Nós conseguimos reencontrar espécies endêmicas que se encontram ameaçadas e encontramos espécies que só são conhecidas pela localidade de onde foi descrita a espécie, por exemplo”, conta Mesquita.

A expedição já fez pesquisas de campo nos seguintes locais: a região de Serra Vermelha, em Redenção do Gurgueia, no Piauí; a Reserva Olho d’Água das Onças, em Picuí, na Paraíba; na Barra de Mamanguape, também na Paraíba; e no Parque Nacional de Boqueirão da Onça, em Campo Formoso, na Bahia. As dunas do São Francisco, em Casa Nova,

são, por enquanto, a última parada com o financiamento via Fapesq-PB.

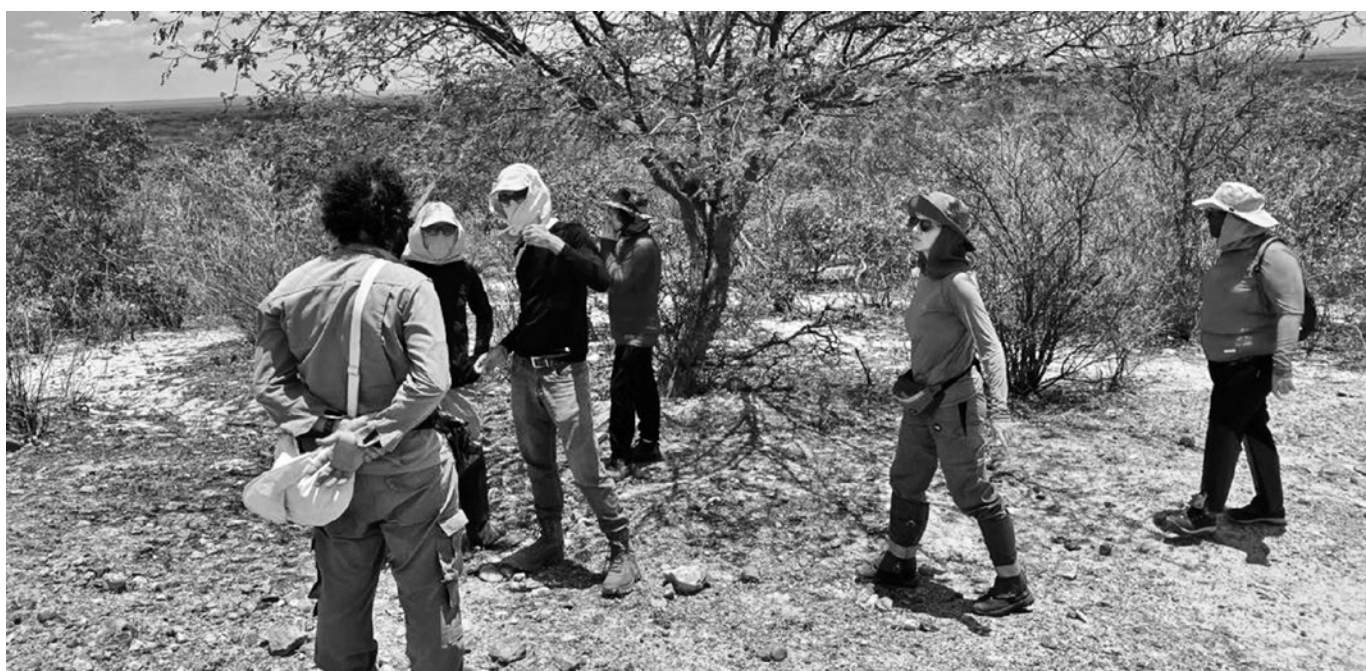
“Isso é uma pesquisa de longo prazo. Nós pretendemos continuar coletando esse tipo de informação, mas, com esses recursos, essa viagem deve ser a última, uma vez que o recurso já está acabando”, informa. “Mas nós vamos fazer isso na Amazônia: nós temos um projeto aprovado junto ao Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (Confap) para fazer algo parecido lá. Já existem outras equipes que estão fazendo isso também”.

A pesquisa é muito importante por abordar um bioma que ainda carece de conhecimento. “A Caatinga é um bioma exclusivo do Brasil. A Amazônia dividimos com vários outros países, o cerrado também. A Caatinga é única”, explica o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado. “E nós conhecemos muito pouco sobre a Caatinga, sobre a sua potencialidade do ponto de vista biotecnológico ou a questão do manejo porque a Caatinga está dentro do semiárido mais populoso do mundo, que compreende o Nordeste e parte de Minas”.

A pesquisa busca conhecer melhor o passado e o presente da Caatinga e antever o futuro. O presente vem com descobertas sobre o que ocorre atualmente no bioma. “Já descobrimos várias coisas aqui na Caatinga”, conta Daniel Mesquita. “A primeira coisa que a gente acaba descobrindo são novas distribuições de espécies anteriormente desconhecidas. Não é muito raro encontrar isso: se deparar com espécies que não foram descritas ainda”.

O passado vem a partir do uso do material genético coletado. “Usamos material genético para entender o passado, como é que as mudanças no ambiente mudaram as distribuições das espécies hoje em dia, através de estudos de filogeografia, por exemplo”, explica. O futuro, combinando informações para avaliar os riscos de extinção das espécies frente às mudanças climáticas. “Coletamos dados ecofisiológicos, dados de tolerância, dados de temperatura preferencial, dados de temperatura crítica dos animais, para usar isso em modelagens para avaliar os riscos de extinção de espécies na Caatinga”.

“Pesquisar a questão do ecossistema da Caatinga como um todo é muito importante para que seja possível preservar e também usufruir da grande riqueza que tem esse bioma”, complementa o secretário Claudio Furtado. “Para aproveitar o que esses conhecimentos possam trazer de benefícios para a sociedade e também para sua preservação para o futuro”.



Desde 2019 são realizadas expedições em regiões do Semiárido nordestino para produzir conhecimento sobre a Caatinga



Das explorações já saíram alguns resultados como um estudo sobre os lagartos da caatinga, que apontou 93 espécies

Expedição conta com a participação de professores e alunos de universidades

Da série de explorações já saíram alguns resultados como um estudo sobre os lagartos da Caatinga, que apontou 93 espécies, 53% de endêmicos e 43% de distribuição restrita e que em 53% do bioma (ou 70% dos municípios) não há registros. “Esse estudo foi publicado pouco tempo atrás por professores que fazem parte do projeto. A maior parte deles está inclusive nessa campanha atual”, conta Mesquita.

Entre os pesquisadores que integram o projeto estão professores de diversas universidades brasilei-

ras: como a Universidade de Brasília, como Guarino Rinaldi Colli, doutor em Biologia Organísmica pela Universidade da Califórnia, de Los Angeles (EUA), e Cecília Vieira, doutora em Ecologia dos Insetos pela Universidade de Utah, da cidade de Logan (EUA); da Universidade Federal de Sergipe, como Renato Gomes Faria; da Unicamp, como Thais Guedes; entre outros. “Além disso, temos diversos alunos de todos os níveis – entre graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado – partici-

pando da expedição”, conta Daniel Mesquita.

Professores do exterior também participam. “Nessa expedição, especificamente, não veio ninguém do exterior, mas em outras expedições vieram diversos pesquisadores do Museu de História Natural dos Estados Unidos, da Universidade do Arkansas, por exemplo, entre outros”, complementa. A pesquisa sobre a Caatinga, assim, fala para o mundo, que precisa conhecer melhor o bioma tanto quanto os próprios brasileiros.

“

Em outras expedições vieram diversos pesquisadores do Museu de História Natural dos Estados Unidos

Daniel Mesquita



Os pesquisadores capturam espécies para coletar o material genético e também tentam avaliar o risco de extinção

SOBREVIVÊNCIA

Mundo das presas e dos predadores

Sem a interferência do ser humano, animais usam estratégias para sobreviver ou para capturar seus alvos

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Assim como os seres humanos, os animais precisam ir à luta em busca de alimentos para sobreviver. Porém, nesse caminho, eles podem encontrar obstáculos e, é claro, seus predadores. Assim, a tarefa de procurar o próprio sustento se torna um desafio que, muitas vezes, pode terminar com a captura e morte desses animais por seus “caçadores”, que também lutam pelo mesmo propósito, sobreviver.

Os animais têm estratégias próprias para caçar seus alimentos. Por isso, cada espécie tem um nicho específico. “Podemos observar até pela morfologia do animal, qual sua estratégia de busca por alimento, e cada predador tem suas armadilhas para atrair a presa, para capturar, assim como também para escapar do predador”, explica a bióloga Rita Mascarenhas.

A presa, por sua vez, também tem artimanhas para tentar fugir. Ela afirma que a pressão de um sobre o outro implica em adaptação para sobreviver e assim diminuir as chances do predador em fazer a captura. Mimetizar uma flor é a estratégia de alguns insetos para capturar suas presas ou liberar odores que simulam odor de acasalamento de outra espécie.

De uma forma geral, o universo dos animais no sentido de presa e predador é um constante alerta de cuidado com seu território. A bióloga destaca que olfato e audição são mais aguçados, têm maior rapidez em processos de fuga, habilidade de subir em árvores e de nadar rapidamente, buscam abrigos que dificultam a entrada do predador, têm hábitos em horários do dia diferentes do predador. “Enfim, é uma eterna luta pela sobrevivência, para



Nicho

Animais têm estratégias próprias para caçar seus alimentos. Por isso, cada espécie tem um nicho específico

Foto: Magali Guimaraes/Pexels

Carcarás não caçam. Se aproveitam das carcaças de presas

se alimentar ou evitar ser o alimento”, comenta.

A bióloga Marília Maia explica que os animais têm muitas estratégias tanto para caça como para defesa. Ela elenca que existem várias formas como a caça em grupo; outros têm o comportamento de esperar a presa passar, se escondendo; alguns fazem camuflagem, que é parecer com o ambiente em que ele vive, se escondendo a ponto de a presa não o perceber.

Existem animais que fazem mimetismo, que é imitar outro animal para que ele possa fingir que é outro animal e

capturar sua presa, fingir que é outro animal com coloração diferente, a chamada coloração de alerta nas falsas corais.

“Ao longo de milhões de anos, os animais foram percebendo que ter uma cor muito forte era interessante, já que as corais, por exemplo, que são peçonhentas, são evitadas, e isso é uma vantagem. Os animais que não são peçonhentos, mas que têm uma cor muito forte, foram sendo selecionados ao longo do tempo e hoje sobrevivem exatamente por ter cores fortes, que assustam os seus predadores”.



Gatos, mesmo convivendo com humanos em casas e apartamentos, mantêm o instinto predador

Domesticação não elimina totalmente os instintos dos bichos, diz bióloga

Os gatos são felinos domesticados, mas têm várias estratégias de caça. “São animais domésticos e, portanto, adaptados a receber alimento dos tutores, mas como felinos, têm como estratégia agilidade, rapidez, visão noturna apurada e são silenciosos. Os principais predadores seriam outros felinos ou canídeos maiores”, ressalta Rita Mascarenhas.

Ela explica que muitos animais perdem parte de seu instinto de caça quando domesticados ou criados em cativeiro. Em relação aos felinos, os filhotes aprendem com a mãe, desde pequenos, estratégias

de caça e de fuga dos predadores. Porém, sem essa convivência de forma livre na natureza, muitos que nascem em cativeiro vivem a vida toda presos, pois não desenvolveram essa habilidade.

A bióloga Marília Maia entende que os gatos não estão totalmente domesticados. “Tem vários comportamentos de animais que não curtem ficar muito próximos a humanos, diferente de cachorros. Então, ainda exige um certo tempo para dizer que são animais domesticados”.

Comparando com os animais silvestres, ela diz que as

estratégias de caça são muito parecidas. Alguns são mais crepusculares, saem no final da tarde; outros caçam logo quando amanhece. Existem animais que conseguem, como presas, ter estratégias para sobreviver. Esses vão sobrevivendo ao longo do tempo. Existe uma adaptação entre presa e predador, da forma como eles sobrevivem, como se defendem, estratégias de caça que vão sendo, durante a evolução, selecionadas. “Os que estão se dando melhor no ambiente, vão sendo selecionados e são animais que vão ficando”, completa.

As caçadas e táticas ajudam a equilibrar o meio ambiente

A bióloga Rita Mascarenhas lembra que as chances de capturar a presa, normalmente, são menores que as chances de fuga. Assim, predadores não se alimentam todos os dias e poupam energia até nova chance de capturar alimento. “Podemos ficar tristes ao ver, por exemplo, uma onça capturando um cervo, mas é parte da lei da natureza, das estratégias de equilíbrio no número populacional de ambos, e foram milhões de anos de ação da evolução, para alcançar esse equilíbrio”, analisa.

Portanto, conforme ela observa, não se deve intervir. “Olhando com olhos de admiradores da diversidade da vida, é fantástico observar tantos esforços para sobrevivência e as consequências disso na biodiversidade, no equilíbrio ecológico. Um exemplo de quanto podemos atrapalhar: No turismo tem atrapalhado a caça dos guepardos. São animais muito rápidos e, para essa agilidade, despendem muita energia e as chances de pegar a presa é pequena. Assim, turistas em carros e ruídos de motor têm alertado as presas dos guepardos que fogem, e guepardos têm morrido por desnutrição e doenças devido à falta de alimentação adequada”, constata.



Urubus usam as mesmas estratégias dos carcarás

“A adaptação da cadeia alimentar é normal, mas algumas pessoas ficam tristes em ver que uma serpente pegou um cervídeo – cervo ou veado – e enrolou nele, está matando. Algumas querem ajudar porque sentem pena, mas, isso faz parte do ciclo natural desses animais e é necessário que as pessoas entendam que é preciso respeitar”, reforça a bióloga Marília Maia.

Ela ressalta que não adianta ajudar porque quando se tira o animal, ele pode já estar morto e também está tirando o alimento de seu predador. “Não é questão de ter pena ou intervir nisso. É preciso entender que os animais precisam se alimentar. Assim como o cervídeo já se alimentou em algum momento, a serpente vai se alimentar de outras coisas

também, e é isso que causa um equilíbrio na natureza. O animal que está caçando um cervídeo hoje pode caçar um lagarto amanhã”.

Marília Maia observa que existe um equilíbrio quando o ser humano não interfere. Por isso, é preciso respeitar e, inclusive, pensar que os humanos também caçam. O frango e a carne no churrasco já chegam abatidos por alguém, e esses animais foram abatidos para nossa alimentação. “É importante que seja um abate que evite o estresse animal, que seja o mais correto possível. Existem técnicas de abate do animal para ele não sofrer. Então, é necessário entender que faz parte do ciclo de todos os animais, inclusive nós, seres humanos, nos alimentarmos. Do contrário, não teríamos energia necessária para sobreviver”, frisa.

Espécies usam disfarces para confundir e capturar presas

Uma das estratégias mais interessantes dos animais, segundo a bióloga Rita Mascarenhas, é poder mimetizar outros animais, como as borboletas que têm manchas nas asas semelhantes a olhos de corujas. “Com as asas abertas, deixa de parecer uma borboleta e se assemelha a uma ave de maior porte, confundindo assim o predador”, relata.

Além disso, conforme a bióloga Marília Maia, algumas aranhas se alimentam de insetos que voam. Aranhas que estão na parte arbustiva fazem teias grandes em locais onde os insetos vão passar. Eles caem na teia e elas se alimentam.

Algumas aranhas que têm oito pernas juntam duas e ficam parecendo maiores, assustam mais, dando a entender que é uma defesa maior se alguém tentar predá-las. Outras aranhas fazem sua teia como se fossem redes de pescar, há as que cospem as teias. “Desde os pequenos até os grandes, os animais têm inúmeras estratégias. As leões caçam em bando. Elas se juntam. Hienas também caçam em ban-



Borboletas com asas abertas enganam algumas presas

do. Elas perceberam que é mais vantajoso pegar uma presa grande, pegar uma zebra, animais maiores caçando em grupo do que perder tempo, caçando um animal pequeno”.

Alguns animais nem caçam, a exemplo de urubus e carcarás. Eles são oportunistas, esperam que alguém cace, vai lá e tira um pedaço da carcaça ou tenta roubar essa presa, e essas também são estratégias de sobrevivência e captura. “São muitas formas e vai depender como esse animal se habituou, como ele foi selecionado de acordo com o alimento que ele come. Alguns usam obstáculos para se esconder”, comenta Marília Maia.

Ela ressalta que, entre as serpentes, as jararacas jovens têm um engodo caudal, a pontinha da cauda que fica balançando de forma a enganar um lagarto que acha que ali é uma minhoca ou inseto passando. Quando ele vai e tenta pegar esse finalzinho da cauda que está mexendo, é capturado pela serpente. Marrecos, patos, cisnes, gansos, que são anatídeos, jogam alimentos na água para o peixe vir comer e eles aproveitam para pegar esses peixinhos. A garça, de acordo com a bióloga, fica à espreita, em silêncio e, de repente, só pesca com seu bico comprido. “São estratégias de caça muito interessantes”.

FUTEBOL AMERICANO

Torcida faz a diferença no Espectros

Time paraibano tem um jogo dos mais complicados contra o Mariners, hoje, na Arena de Pernambuco

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

É com força e firmeza que Jennifer Lima, 26, suspende outros membros do Esquadrão Fantasma, equipe dos atletas animadores de torcida (sim, o cheerleading é um esporte) do João Pessoa Espectros (JPE). Na coreografia a cheerleader, que integra a equipe há cinco anos, atua na base segurando e arremessando outros participantes do grupo, formado atualmente por nove componentes.

São essas pessoas as responsáveis por estimular a torcida, declaradamente necessária quando se trata do João Pessoa Espectros. É que a equipe paraibana de Futebol Americano, considerada uma das principais do país, com 11 títulos nordestinos e dois brasileiros, faz questão de convocar os torcedores a cada partida.

“Também usamos os cartazes ‘Te aquieta’ e ‘Faz zuada’, que é quando precisamos que a torcida inteira mesmo. Pedimos pra fazerem silêncio quando estamos no ataque, porque os atacantes precisam se comunicar em campo. Já o faz

zuada é justamente o contrário, quando o adversário vai atacar e nós fazemos barulho para dificultar a comunicação entre eles”, explica Jennifer que assegura, a torcida JPE segue os comandos direitinho. “Como nós estamos na lateral do campo e eles nas arquibancadas, muitas vezes veem melhor as jogadas que a gente. Nesse caso, a torcida é que dá a dica para a gente, nos ajudam”.

Ajudam e participam, e não é só em campo, não. A preparação começa bem antes. Viviane Aires, por exemplo, prepara as famosas garrafinhas descartáveis com

caroços de milho, que são marca da torcida. O artefato vira uma espécie de chocalho e em grande quantidade faz bastante barulho. “Comecei a torcer pelo João Pessoa Espectros em 2007. Fui a todos os jogos possíveis, só não vou quando não dá mesmo, o que é raro”, assegurou a revendedora de cosméticos que é mãe de um jogador da equipe. “Flavinho Gouveia que atualmente usa a camisa número 41 e joga na defesa e no time especial”, diz orgulhosa ‘tia Vivi’, como é conhecida entre a torcida. “Eu fico em frenesi, não sento hora nenhuma. Agito a torcida, pulo, bato as garrafinhas e grito muito. Boraaaaa... Espectroooooos!!”, acrescenta animada.

O clima é o mesmo partilhado por Tony Targino. “Sou espectros até morrer!”, começa o técnico em mecânica, torcedor dos fantasmas há cerca de sete anos. “Nós costumamos dizer que somos uma família, é esse o nome mais correto de

se colocar”. O entrevistado adianta que vai ter caravana contra o Mariners, em Recife, neste domingo, às 14h, na Arena Pernambuco. “Vamos com bandeiras, faixas, garrafinhas. Eles vão sentir que dentro da Arena Pernambuco a nossa bandeira vai ser fincada novamente”. Se depender do grito de Tony, e de pelo menos mais 100 torcedores, que devem acompanhar a disputa de hoje, a vitória é certa e a confraternização entre as torcidas também. “Todos os jogos nós estamos lutando, buscando a vitória, e por mais que existam as rixas quando termina todos somos família, a gente abraça a torcida adversária e tudo se transforma em um grande encontro de famílias. “Ser torcedor do Espectros é isso... uma galera que corre atrás, que leva o nome de João Pessoa e da Paraíba e mesmo quando perde, a gente fica de cabeça erguida”.

Fala de quem ama o time que tem uma legião de apaixonados. No caso da psicóloga Leilane Siqueira, tudo começou com o marido Daniel Nicacio, que foi atleta e também integrou a comissão técnica do time. “Apesar de ser pernambucana, eu visto a camisa do João Pessoa Espectros e torço muito. O time é diferente, tem uma energia, um legado, uma mistura de lenda com realidade que fascina. São fantasmas reais”, comenta. Leilane con-



Viviane Ayres, a ‘tia Vivi’, é uma das entusiastas torcedoras do Espectros

ta que mesmo quando não consegue estar em campo, dá um jeito de torcer, muito embora não seja a mesma coisa do calor da torcida unida em campo. “Me faço presente de algum modo. Mas, nada se compara a emoção que é estar lá, gritando, fazendo barulho, sacudindo garrafinha, com o coração a mil”.

Sobre a disputa de hoje, a entrevistada sabe que precisa separar bem uma coisa da outra. O amor pelo estado onde nasceu e o amor pela equipe que escolheu para torcer. “O meu Pernambuco é maravilhoso, mas em se tratando de Futebol Americano o João Pessoa Espectros tem história e não tá para brincadeira, nunca esteve. Nosso legado a é prova disso”.

Foto: Andersonsilva/Espectros



A equipe do João Pessoa Espectros vem dominando o futebol americano no Nordeste e tem conquistado inúmeros torcedores que acompanham a equipe em vários jogos, inclusive fora de João Pessoa, como será hoje na Arena de Pernambuco, contra o Mariners

SÃO PAULO

GP de F-1 pode ter recorde de público

Organização espera aumento de 10% entre os dias 3 e 5 de novembro, devendo chegar a 260 mil fãs no circuito

Felipe Rosa Mendes e
Marcos Antomil
Agência Estado

A organização do GP de São Paulo de Fórmula 1 projeta um novo recorde de público para o fim de semana da corrida deste ano. CEO do GP, Alan Adler espera um aumento de 10% no número de torcedores no Autódromo de Interlagos, na capital paulista, entre os dias 3 e 5 de novembro. Assim, o circuito deve receber quase 260 mil fãs de automobilismo nas arquibancadas e áreas VIPs.

Se confirmada, a cifra vai gerar um novo recorde de público para a corrida brasileira, que chega a sua 51ª edição neste ano. Até então, o maior público já recebido no autódromo havia sido registrado no GP do ano passado, quando 235.617 pessoas passaram por Interlagos nos três dias do evento. A marca de 2021, com cerca de 182 mil presentes no circuito, também chegou a ser recorde.

Para acomodar mais pessoas, a organização conta com arquibancadas móveis para complementar a estrutura fixa do autódromo paulistano. Nos últimos anos, o GP também tem apostado nas áreas VIPs, mais numerosas e mais amplas também.

A preocupação de Adler e do prefeito Ricardo Nunes está no fluxo dos fãs na entrada do autódromo, alvo de críticas na edição do ano passado. Foram comuns reclamações quanto a filas longas e demora para acessar as arquibancadas.

“

Teremos bastante informação no site sobre como acessar o autódromo. Estamos melhorando bastante essa questão do acesso e dos fluxos

Alan Adler

“Teremos bastante informação no site sobre como acessar o autódromo. Estamos melhorando bastante essa questão do acesso e dos fluxos. Vamos bloquear as ruas, dando acesso somente aos carros credenciados. Teremos bolsões de estacionamento”, adiantou Adler, em entrevista coletiva.

Uma das soluções encontradas para facilitar a entrada das pessoas foi a abertura de um novo portão no circuito. “Abrimos um portão novo para acessar o autódromo. No ano passado, realmente tivemos questões complexas em termos de fluxos. Apanhamos. O evento cresceu muito. O primeiro ano foi de pandemia, estávamos pequenos. No segundo



A organização está preparando uma série de homenagens a pilotos brasileiros antes do GP de Fórmula 1, entre eles o tricampeão Ayrton Senna, morto em 1994

ano, a gente teve muito crescimento. Neste ano pretende melhorar muito isso”, reconheceu o CEO, em referência à nova gestão do GP - Adler assumiu a função em 2021.

Entretenimento

Adler também anunciou uma série de homenagens a pilotos brasileiros. Ayrton Senna terá celebrada a marca de 30 anos de sua última vitória na F-1, obtida em 1993. Rubens Barrichello será comemorado pelas três décadas de sua estreia na categoria. Os jovens Felipe Drugovich, campeão da F-2 no ano passado, e Gabriel Bortoleto, atual campeão da F-3, também ganharão destaque ao longo do fim de semana.

Mais uma vez, uma das apostas do GP será no entretenimento para os fãs de automobilismo. No domingo, o Hino Nacional ficará a cargo da cantora Ludmilla. Antes, a banda Monobloco vai se apresentar no grid de largada. E, desde sexta-feira, os fãs vão contar com shows variados e DJs em quatro palcos espalhados pelo circuito. Como aconteceu em outros anos, a Esquadilha da Fumaça fará apresentação no domingo.

No paddock, área compartilhada por pilotos, equipes e jornalistas, a organização promete manter o “Boteco paddock”, além de anunciar um “paddock café”, com diversas referências à cultura nacional, como o próprio café, frutas tropicais e água de coco. A organização prometeu ainda reforçar a parte de áudio e transmissão dos telões, considerado um dos pontos fracos das últimas edições do GP brasileiro.

Com o investimento em entretenimento, além da estrutura tradicional ligada ao automobilismo, o GP e a Prefeitura de São Paulo esperam ampliar o impacto econômico da corrida do ano passado, quando registraram mo-

vimentação de R\$ 1,37 bilhão ao longo do fim de semana da etapa brasileira da F-1.

Concessão

O prefeito Ricardo Nunes reforçou que não tem interesse em privatizar ou fazer uma concessão do autódromo. Nas gestões anteriores, o tema havia sido debatido, mas o poder municipal entende ter encontrado um modelo positivo para a gestão do espaço, que tem fechado “no azul” ano após ano, unindo eventos automobilísticos e festivais de música, como The Town e Lollapalooza.

No entanto, o Kartódromo Ayrton Senna, que integra o autódromo, passará por um processo de concessão. A partir da próxima semana, a prefeitura dará início aos trâmites. O grande objetivo é melhorar a infraestrutura do local para que ele seja incorporado ao calendário do Mundial de Kart.

Outro tema levantado pela organização foi a preocupação ambiental, que faz parte do conceito aplicado pela Fórmula 1 ao estabelecer uma meta de zerar a emissão de carbono até 2030. Nessa edição do GP de São Paulo, a expectativa é que o evento compense mais do que emita de poluentes. No plano de valorização energética estão incluídas a criação de duas usinas de energia solar com painéis fotovoltaicos além do estabelecimento de uma central de triagem de resíduos para 2024. Todo esse processo vai gerar um investimento de R\$ 1,3 milhão.

A coletiva da última quarta foi precedida de um “tour” pelo autódromo, na companhia do prefeito. E era possível notar as mudanças na paisagem no miolo do circuito, com o corte de árvores e diminuição da vegetação antes em abundância no local. A medida foi tomada para adequação do espaço para recepção dos eventos musicais. Para compensar os cortes, foram plantadas 1.203 árvores, de acordo com o prefeito.

Marta, rainha do futebol feminino, é quem vai dar a bandeirada final

Agência Estado

A rainha Marta, da Seleção Brasileira, será a responsável pela bandeirada no GP de São Paulo de Fórmula 1, no dia 5 de novembro, no Autódromo de Interlagos, na capital paulista. A lenda do futebol foi anunciada nessa quarta-feira pelo CEO do GP, Alan Adler, na companhia do prefeito Ricardo Nunes.

“Nossa novidade é a Marta, que está se aposentando da seleção. Foi eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo. E será a

responsável pela bandeirada”, afirmou Adler. A corrida brasileira está marcada para as 14 horas do dia 5, em São Paulo, em fim de semana que terá também a corrida sprint, no sábado.

A atacante da Seleção Brasileira e do Orlando Pride tem 37 anos e está na reta final de sua carreira. Neste ano, foi coadjuvante da seleção na Copa do Mundo Feminina, disputada na Austrália e na Nova Zelândia, onde a equipe nacional foi eliminada de forma decepcionante, ainda na fase de grupos.

Marta não confirmou sua aposentadoria da Seleção e já foi especulada na equipe para a disputa da Olimpíada de Paris-2024.

No dia do GP de São Paulo, a jogadora vai repetir a função já executada por outras celebridades nacionais, como o Rei Pelé e Gisele Bündchen. No ano passado, a bandeirada ficou a cargo do bicampeão mundial Emerson Fittipaldi. E, em 2021, quem teve a honra foi a ginasta Rebeca Andrade, atual campeã mundial e olímpica da modalidade.

Hamilton ‘deixa’ as pistas e lança a 1ª tequila não alcoólica do mundo

Agência Estado

Lewis Hamilton, piloto da Mercedes, antes da disputa do GP do México de Fórmula-1, que acontece neste domingo, deixou brevemente esta semana as pistas para se aventurar em um novo mercado. Por meio de anúncio nas suas redes sociais na última quarta-feira, o britânico revelou que passará a investir no mercado de bebidas, especificamente no comércio de tequilas não alcoólicas.

O piloto sete vezes campeão mundial utilizou suas experiências ao volante e a sabedoria de não dirigir se beber para se juntar a Iván Saldaña e Casa Lumbre. Na parceria, surge a Almave, primeira e única marca de tequilas não alcoólicas do mundo. Ela é produzida a partir do agave-azul, planta encontrada no México e elemento principal para a produção da bebida.

O lançamento oficial aconteceu na última quinta-feira. Em suas redes, Hamilton comemorou a parceria e contou sobre sua influência, além dos motivos que o levaram a entrar no projeto. “Almave é para pessoas como eu, que estão sempre ultrapassando os limites do possível, que gostam do sabor da tequila, mas estão focadas no equilíbrio, na longevidade e na vida plena”, escreveu o piloto da Mercedes.

Ele admite o gosto pela tequila. “Quando conheci Saldaña, duas coisas ficaram claras: nós dois gostamos de tequila e faltava alguma coisa no mercado. Almave adapta práticas consagradas de fabricação de tequila para criar uma bebida destilada sem álcool que não compromete o sabor ou a qualidade. Muito orgulho de ser um fundador. Espero que você aborde isso com a mente aberta, experimentalmente e ame tanto quanto eu”, afirmou o piloto.

O lançamento ocorre na semana que antecede o GP do México da Fórmula 1. Em terceiro lugar no campeonato mundial de pilotos, Hamilton busca sua primeira vitória na temporada e o vice-campeonato, já que o holandês Max Verstappen já garantiu o título em 2023. A etapa do México acontece neste domingo, dia 29, às 17h, com transmissão da Rede Bandeirantes.

Foto: Wolfgang Wilhelm/Mercedes



Britânico passa a investir no mercado de bebidas sem teor alcoólico

RAFINHA

Aposentadoria em dezembro de 2024

Lateral prioriza a disputa da Copa Libertadores e ainda sonha com mais títulos no final de sua carreira

Foram anos de muita dedicação a outros clubes do exterior e do Brasil (Flamengo, Grêmio e Coritiba), mas Rafinha é tão seguro do próprio profissionalismo que sabe que não precisa esconder: o São Paulo é seu time do coração desde a infância. A cada dia que passa, o lateral de 38 anos fica um pouco mais perto da aposentadoria. Porém, vale repetir a palavra que ele disse na comemoração do título da Copa do Brasil e que virou meme:

Ele acaba de renovar o contrato com o Tricolor até 31 de dezembro de 2024, tempo suficiente para levantar mais troféus com a camisa que veste desde criança – muito antes de ver o São Paulo conquistando em 2005 o Mundial de Clubes da Fifa, o terceiro título de caráter mundial do clube (após as conquistas consecutivas da Copa Intercontinental em 1992 e 1993).

“Aquele jogo foi fantástico. É difícil falar porque, pô, eu sou são-paulino. Mas a minha família toda estava em casa na Alemanha [em 2005, Rafinha jogava pelo Schalke 04] e a gente viu o jogo ao vivo. Foi um jogo, todo mundo dava o Liverpool como favorito. Eu lembro do jogo exatamente. Aquele ano foi especial para São Paulo. Pô, 2005 está na história e todo são-paulino lembra muito bem”, disse à Fifa.

Anacronismos nem sempre fazem sentido no futebol, mas há quem diga que o elenco tricolor que ganhou a Copa do Brasil em 2023 tem muito em comum com o grupo campeão do mundo em 2005, sobretudo no esforço coletivo, na superação após um ano difícil e nas características de alguns atletas.

Para citar alguns exemplos: volantes tímidos e incansáveis (Mineiro e Josué antes, Pablo Maia e Alisson hoje), um zagueiro estrangeiro (Lugano antes, Arboleda hoje) um beque jovem revelado pelo clube (Edcarlos antes, aos 20, e Beraldo hoje, aos 19) e atacantes identificados com a torcida (Amoroso e Aloísio antes, Luciano e Calleri hoje). Não existe fórmula pré-fabricada para o sucesso, é claro, e as equipes de 2005 e 2023 também têm suas diferenças, mas conseguem resgatar o orgulho do torcedor.

“Eu costumo falar que conquistas coletivas geram benefícios individuais. Se tem muito cara bom no momento, as coisas fluem. Naquela época o São Paulo tinha muitos caras campeões e vencedores. Por isso, naquele jogo difícil contra o Liverpool, o São Paulo pôde sofrer e fez o gol quando teve oportunidade, foi efetivo com o Mineirinho [autor do gol contra o Liverpool], com quem eu tive o prazer de jogar junto no Schalke 04. Era um tempo de cobra criada, os caras mereciam e já eram campeões”, elogiou Rafinha.

“Aquele time de 2005 tinha muito jogador esportivo. Quando você tem muito campeão junto, isso chama título, chama coisa boa. É difícil estar em um mo-

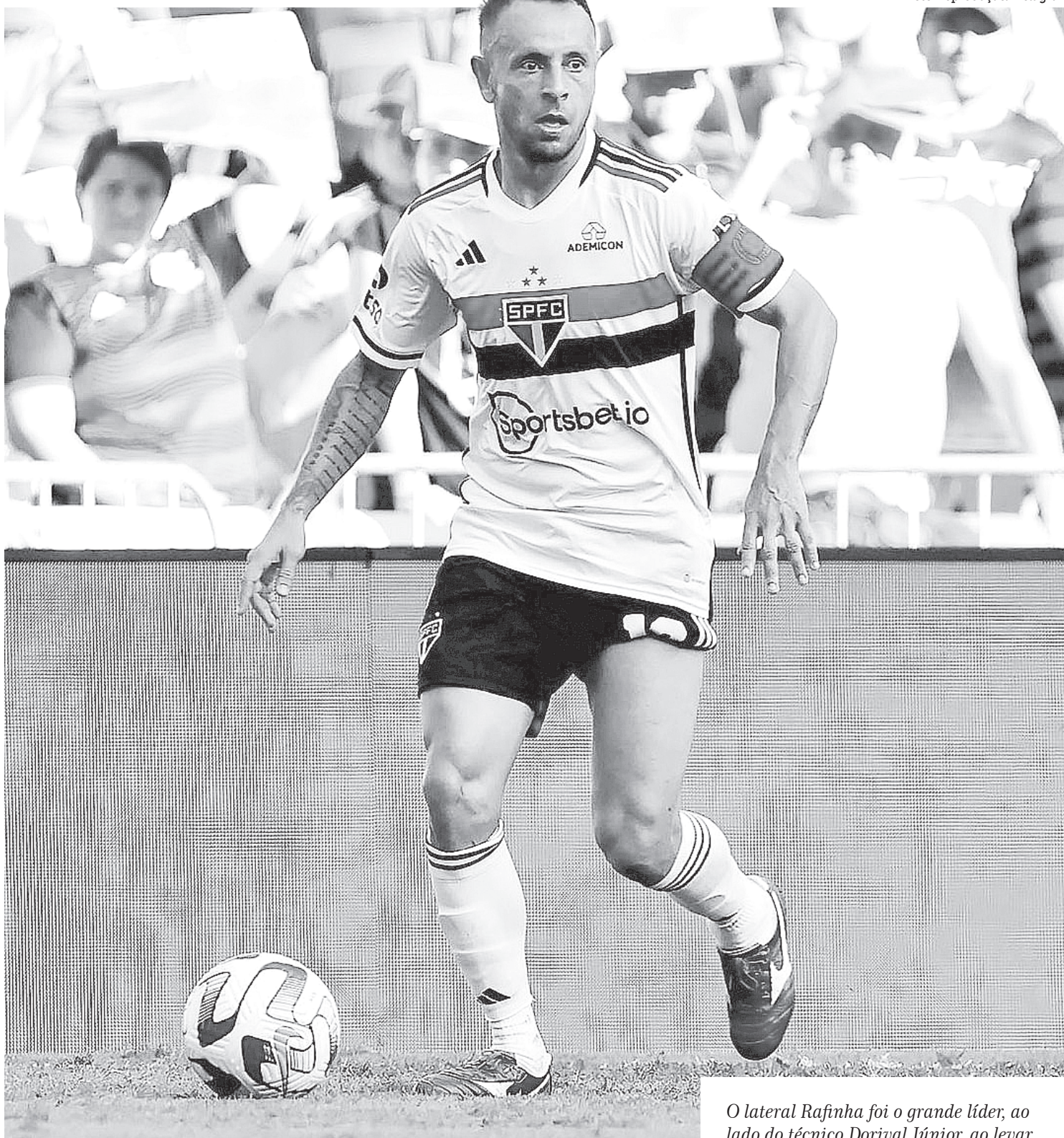


Foto: Reprodução/Instagram

O lateral Rafinha foi o grande líder, ao lado do técnico Dorival Júnior, ao levar o São Paulo à conquista inédita da Copa do Brasil, superando o Flamengo na grande decisão, no Morumbi

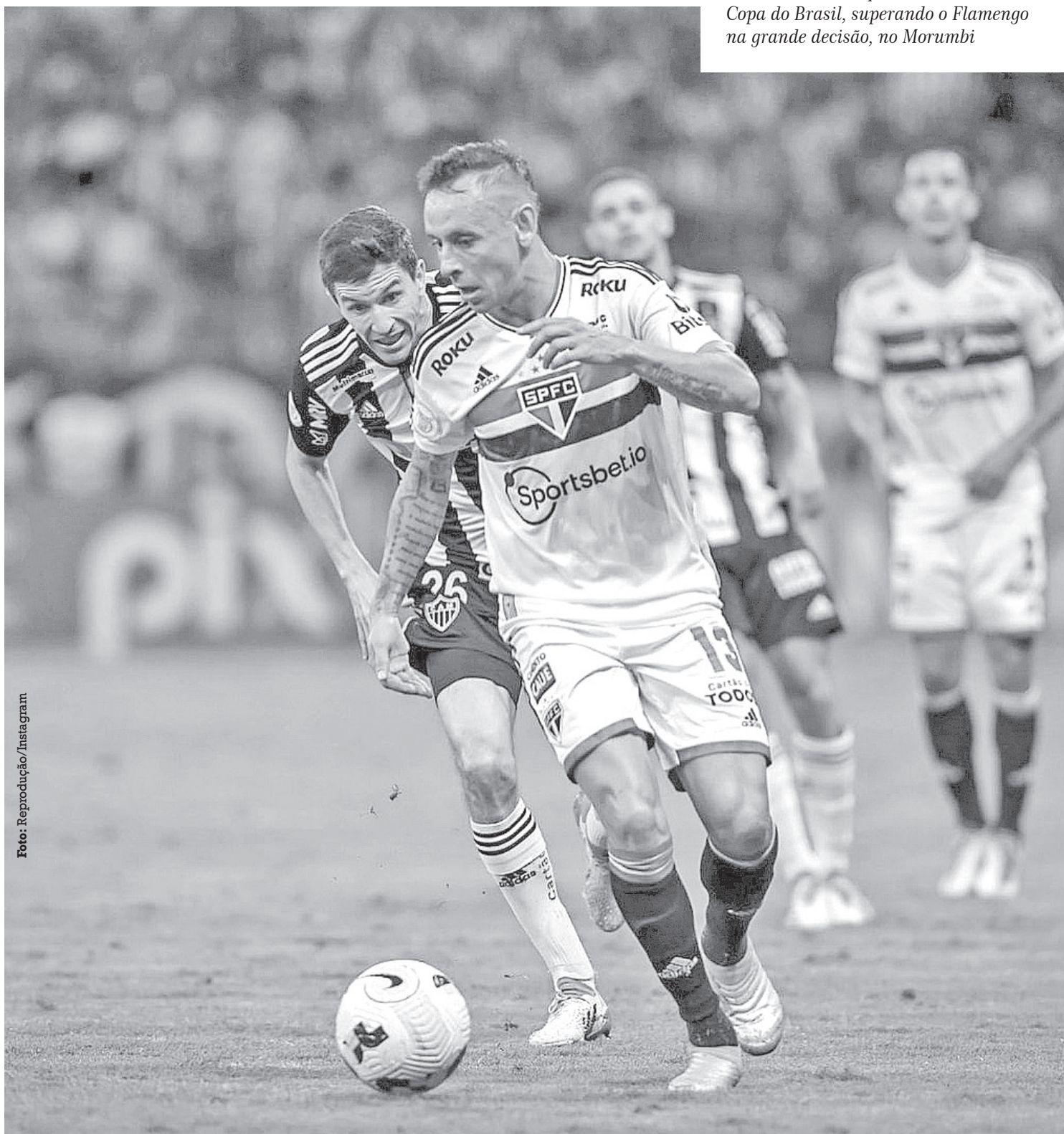


Foto: Reprodução/Instagram

mento que não tem campeão porque os caras não sabem como é erguer o troféu, como é ser campeão e chegar em primeiro. Cara, independentemente de tudo que o título proporcione, o reconhecimento, o prêmio financeiro, a valorização pessoal...

Quando tem muito campeão junto, as coisas facilitam”, completou o lateral.

Sonho antigo

No Schalke 04, Rafinha jogou com dois são-paulinos: o zagueiro Bordon, revelado pelo clube, e o vo-

lante Mineiro. O lateral saiu cedo do futebol brasileiro e perguntou a eles como era ser campeão no Tricolor.

“Tem dia que eu concordo, vou tomar um café ali e falo: ‘Bordon, não estou com saudade de você, não, porque te vejo todo dia aqui na

parede, nos quadros! Porque o Bordon está nos quadros dos campeões, o Mineiro também, e eu os vejo todo dia. É legal ver um cara que jogou no Brasil, em um clube grande como o São Paulo, e foi campeão”.

“Eu tinha saído moleque

do Coritiba para a Europa e perguntava para eles como era jogar aqui. Os caras conheciam a história do São Paulo, da grandeza, o que significa jogar pelo São Paulo, ganhar e conquistar em um clube grande do Brasil”, lembrou.

Dezembro de 2024

Esta é a data prevista para o fim do novo contrato assinado por Rafinha e São Paulo. A entrevista com a Fifa foi feita antes do anúncio de renovação, e o lateral já tinha deixado claro que seria fácil convencê-lo a ficar por mais um ano inteiro.

“A minha situação aqui é fácil: eu quero ficar, o São Paulo quer que eu fique. Eu me sinto em casa aqui. Tenho o melhor relacionamento com todos. Sou o mais velho do nosso tempo, tenho o carinho e o respeito de todos aqui. Estou muito feliz. Agora, esse ano, graças a Deus conseguimos ser campeões”, contornou.

A decisão de renovar o contrato até o final de 2024 está intrinsecamente ligada ao desejo de disputar a Copa Libertadores mais uma vez. Rafinha já venceu a competição em 2019 pelo Flamengo, mas disputa pelo clube do coração terá um sabor único. É importante manter os pés no chão, mas por que um jogador não poderia sonhar em recolocar o São Paulo no caminho da Copa do Mundo de Clubes da Fifa?

“Seria show de bola! Série histórica. Eu já ganhei esses dois troféus, a Libertadores pelo Flamengo e o Mundial pelo Bayern. Então seria fantástico ganhar de novo, um sonho. Mas é complicado, o caminho até lá é terrível! Eu já tive oportunidade de ser campeão mundial uma vez (2013, com o Bayern) e perdi uma final justamente para o Liverpool, com o Flamengo [2019]”, respondeu.

Rafinha, o “mais chato”

No papo com a Fifa, Rafinha foi questionado sobre os garotos de Cotia revelados pelo São Paulo. Qual destes atletas acha que está mais pronto para o futebol europeu? Como bom capitão, ele não pensou duas vezes e citou absolutamente todos os jovens do elenco atual, um a um, nome por nome, inclusive os que não são titulares.

“Esses moleques de Cotia estão preparadíssimos para jogar no São Paulo e na Europa. Todos eles, sem exceção. A gente vê os que mais jogam, mas os que não estão jogando também estão preparadíssimos”, analisa o lateral, que tem papel fundamental na formação dos meninos. Afinal, Rafinha é “chato”, como ele próprio diz.

“A molecada criou casca, está com as costas largas e escutando muito. Aprendiam muito. Eu sou muito chato, sou o mais chato que tem aqui em São Paulo... dentro do campo! Eu procuro sempre cobrar para deixá-los preparados. Eu cobro muito e os moleques escutam, não respondo. Estamos melhorando muito”, concluiu.

BRASILEIRÃO

Botafogo joga para manter vantagem

Alvinegro carioca atua no Engenhão e precisa vencer para não dar chance aos adversários na sua luta pelo título

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

O líder volta a jogar no Brasileirão depois de ter folgado na rodada do meio de semana - a CBF adiou o jogo Fortaleza x Botafogo que estava marcado para a Arena Castelão, na última, terça-feira porque o time carioca havia jogado no domingo contra o Athletico e o regulamento não permite intervalo menor que 66 horas de uma partida para a outra -, o clube até buscou a justiça desportiva para jogar, porém sem sucesso. Hoje, a partir das 20h, no Engenhão, recebe o Cuiabá, com a obrigação de vencer e evitar aproximação dos adversários que seguem à caça do time da estrela solitária.

O Cuiabá vem de uma derrota em casa para o Corinthians na última quarta-feira e ocupa a 12ª posição com 37 pontos, uma campanha brilhante até o momento. Mas as atenções deste domingo estão voltadas para o Estádio Hailé Pinheiro (Serriinha) no jogo mais importante da rodada de número 30. E que lá vão jogar Goiás e Vasco da Gama, a partir das 16h, com transmissão da Rede Globo.

As duas equipes vêm de derrotas na rodada 29. O time goiano atuou em Volta Redonda e foi goleado pelo Fluminense por 5 a 3. Já o Vasco perdeu em casa de 2 a 1 para o Internacional e se manteve na zona de rebaixamento com 30 pontos e um aproveitamento na competição de apenas 34% com oito vitórias, seis empates e 15 derrotas nos 29 jogos. Já o Goiás tem campanha semelhante com aproveitamento de 35% para sete vitórias, 10 empates e 12 derrotas. No mesmo horário vão se enfrentar Athletico-PR e São Paulo, na Arena da Baixada.

A rodada anterior foi desastrosa para o Tricolor do Morumbi que perdeu de 5 a 0 para o Palmeiras, no Allianz Parque, e está na 10ª posição com 38 pontos, mas ainda corre risco, mesmo pequeno, de rebaixamento diante da queda de produção. Já o Athletico se deu bem na rodada 29 e mesmo enfrentando uma das piores equipes da competição, o América-MG, conseguiu uma vitória de 3 a 2 e subiu na tabela, entrando na briga por vaga na Copa Libertadores.

Às 18h30 teremos mais dois jogos e outro clássico paulista envolvendo Corinthians e Santos. O Timão segue muito mal na competição, mesmo tendo vencido na rodada anterior o Cuiabá, fora de casa. Precisa de novo triunfo para se afastar ainda mais da zona de rebaixamento. O mesmo acontece com o seu adversário que faz campanha melancólica no Brasileirão, mas venceu o Coritiba por 2 a 1 e saiu momentaneamente do Z4.

O outro jogo que completa a rodada 30 será disputado no Beira Rio e tem um favorito disparado, o Internacional. O Colorado recebe o Coritiba, este forte candidato ao rebaixamento já que se encontra no Z4 há várias rodadas. O Internacional vem numa fase de recuperação e de uma vitória maiúscula sobre o Vasco da Gama, em São Januário, por 2 a 1. Por enquanto está com vaga na Sul-Americana, mas ainda sonha com Libertadores porque ainda faltam nove jogos.



Jogadores do Botafogo entrando em campo em partida do Campeonato Brasileiro contra o Athletico-PR

Jogos de hoje

■ SÉRIE A

16h

Goiás x Vasco

Athletico-PR x São Paulo

18h30

Corinthians x Santos

Internacional x Coritiba

20h

Botafogo x Cuiabá

■ SÉRIE B

18h30

Londrina x CRB

19h

Vitória x Juventude

Amanhã

20h

Chapecoense x Tombense

NANISMO

Copa do Mundo vai reunir 16 seleções na Argentina



Nossa luta pelo fim do preconceito é por todos e para todos que amam o futebol. E nosso trabalho diário e constante é pela inclusão no esporte, que se fortalece

Ednaldo Rodrigues

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), seguindo as diretrizes da atual gestão de permanente combate à discriminação e pela promoção da inclusão no futebol está apoiando, pelo segundo ano consecutivo, a Seleção Brasileira de Futsal Nanismo, administrada pela Associação Brasileira de Esportes para Pessoas com Nanismo (ABEN) e mais conhecida como "Seleção Brasa", que irá participar da primeira Copa do Mundo da modalidade, que acontece de 6 a 12 de novembro, em Buenos Aires. O evento será organizado pela Federação Internacional de Futebol de Nanismo e contará com a participação de seleções de 16 países de quatro continentes. A competição será

também uma importante oportunidade de mostrar ao mundo o talento, a dedicação e a superação dos atletas com nanismo, bem como sua grande paixão pelo futebol.

Por meio dos fundos CBF Transforma e Conmebol Evolução, a CBF forneceu as passagens aéreas nacionais e internacionais da equipe, seguros de viagem e uniformes para toda a delegação. A Seleção Brasa representa um marco para a construção de uma cultura de inclusão no futebol e uma verdadeira fonte de inspiração para as pessoas com deficiência e toda a sociedade brasileira. Esta não é a primeira vez que a CBF é parceira da Seleção Brasa. Em 2022, a entidade já havia viabilizado a participação da equipe na

Copa América de Futsal Nanismo, também realizada na Argentina.

"Nossa luta pelo fim do preconceito é por todos e para todos que amam o futebol. E nosso trabalho diário e constante é pela inclusão no esporte, que se fortalece com o apoio a iniciativas como esta. Estamos honrados em fazer parte de uma parceria tão importante, que une a paixão pelo futebol ao combate à discriminação", afirmou o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues.

Treinamentos

A Seleção Brasa já iniciou os treinamentos para a competição. No último dia 21, a equipe se apresentou no Rio de Janeiro para uma pré-temporada de duas sema-

nas, inicialmente na sede da Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (ANDEF). No dia 26, a equipe seguiu para a cidade de Magé, no interior do estado do Rio de Janeiro, onde realiza a fase final de preparação, contando com o apoio da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Magé. A viagem para a Argentina ocorrerá no dia 3 de novembro.

Mas antes disso, no dia 31 de outubro, próxima terça-feira, a delegação será recebida na sede da CBF pelo presidente da entidade, Ednaldo Rodrigues. Na programação, uma visita ao Museu Seleção Brasileira, seguida de almoço. Na sequência, será a vez da equipe conhecer o estádio do Maracanã.



Seleção Brasileira de Futsal Nanismo vai disputar a primeira Copa do Mundo da modalidade, que vai acontecer na Argentina, de 6 a 12 de novembro



A história da Cruz da Menina de Santa Inês está relacionada a um período de uma grande seca que assolou várias regiões da Paraíba e no local teria sido enterrada uma criança que morreu de sede

Uma outra Cruz da Menina

Em 1800, um episódio trágico marcou o município paraibano de Santa Inês, envolvendo o calvário de uma família formada por pai, mãe e filha de aproximadamente nove anos, que saiu à procura de melhores condições de vida subindo a Serra do Bilingüin

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Quando se fala em Cruz da Menina, vem à memória o caso de Francisca, encontrada morta na Fazenda Trapiá, na zona rural de Patos, no Sertão da Paraíba, caso ocorrido em outubro de 1923. Francisca virou símbolo de devoção para milhares de fiéis que a consideram uma santa popular. Todavia, 123 anos antes, mais precisamente no dia 1º de novembro de 1800, um outro fato trágico deu início a uma outra Cruz da Menina, dessa vez no município paraibano de Santa Inês, hoje com cerca de 11,5 mil habitantes, localizado no Curimataú paraibano e distante a 160 quilômetros de João Pessoa.

A história da Cruz da Menina de Santa Inês está relacionada a um período de seca e ao calvário de uma família formada por pai, mãe e filha de aproximadamente nove anos, que saiu à procura de melhores condições de vida subindo a Serra do Bilingüin, em direção a Dona Inês.

Após longo percurso sobre rochedos castigados pela alta temperatura, com fome e sede, os três pediram água a um morador, que negou a ajuda. Assim, continuaram a caminhar. A criança não resistiu e acabou morrendo, sendo enterrada ao pé da convergência de grandes lajedos, onde um milagre teria acontecido: do alto da serra minou água e, naquele ponto, esse acontecimento, considerado milagroso pelas crenças populares, levou à construção de uma capela, denominada de Cruz da Menina.

Um grupo de estudos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Guarabira, afirma que "toda a discussão em torno do turismo na Cruz da Menina de Santa Inês surge a partir dessa capela e de sua história, tornando-se um recurso para o turismo religioso, a considerar as atividades realizadas que atraem, inclusive, pessoas de municípios circunvizinhos". O fluxo turístico registrado anualmente em visita à capelinha justifica a execução da pesquisa, afirmam os especialistas.

Todos os anos uma procissão acontece em 1º de novembro, Dia de Todos os Santos. O cortejo sai da Igreja Matriz, na área urbana de Dona Inês, em direção à Capela da Cruz da Menina. Os peregrinos que formam a procissão visitam a capela para realizar seus pedidos, orações e até pagar promessas. A procura de novos atrativos dentro do potencial da região fez surgir ciclos com novas rotas de acesso.

A partir de agora, segundo o estudo da UEPB, se busca também, associada à questão religiosa, a contemplação do pôr-do-sol na localidade, onde obras foram feitas ao seu redor, como o calçamento das vias para melhorar o acesso dos caminhantes e romeiros. "O Complexo Cruz da Menina de Dona Inês, com des-

taque para a capela e o mirante visando a contemplação do pôr-do-sol, é uma obra que valoriza o turismo religioso no Brejo-Curimataú", destaca a agência @turnaserra, responsável pela divulgação dos atrativos turísticos existentes na região.

Outra atração indicada pela @turnaserra é a chamada "Pedra Lavrada", uma formação rochosa localizada no Sítio Queimadas, na zona rural de Dona Inês. É um recurso potencial para o turismo de aventura, oferecendo trilhas e a prática do rapel, com aproximadamente 50 metros de descida. Nessa localidade o rapel é positivo, ou seja, o praticante fica em contato o tempo todo com a rocha, até chegar ao final do percurso.



Ilustração: Tônio

Cidade de montanhas e pedra centenária

Dando os primeiros passos para se firmar como opção turística na Região do Curimataú paraibano, Dona Inês está a 480 metros acima do nível do mar, chegando em determinados pontos a 520 metros. Vizinha das cidades de Bananeiras e Araruna, o município de montanhas e serras possui trilhas ecológicas pela mata e na zona rural. Também há uma pedra centenária no perímetro urbano, culinária regional diferenciada e agitação cultural.

Na entrada da cidade, na área urbana, está o cartão postal de Dona Inês. Onde havia apenas um terreno baldio, foi construído o Espaço da

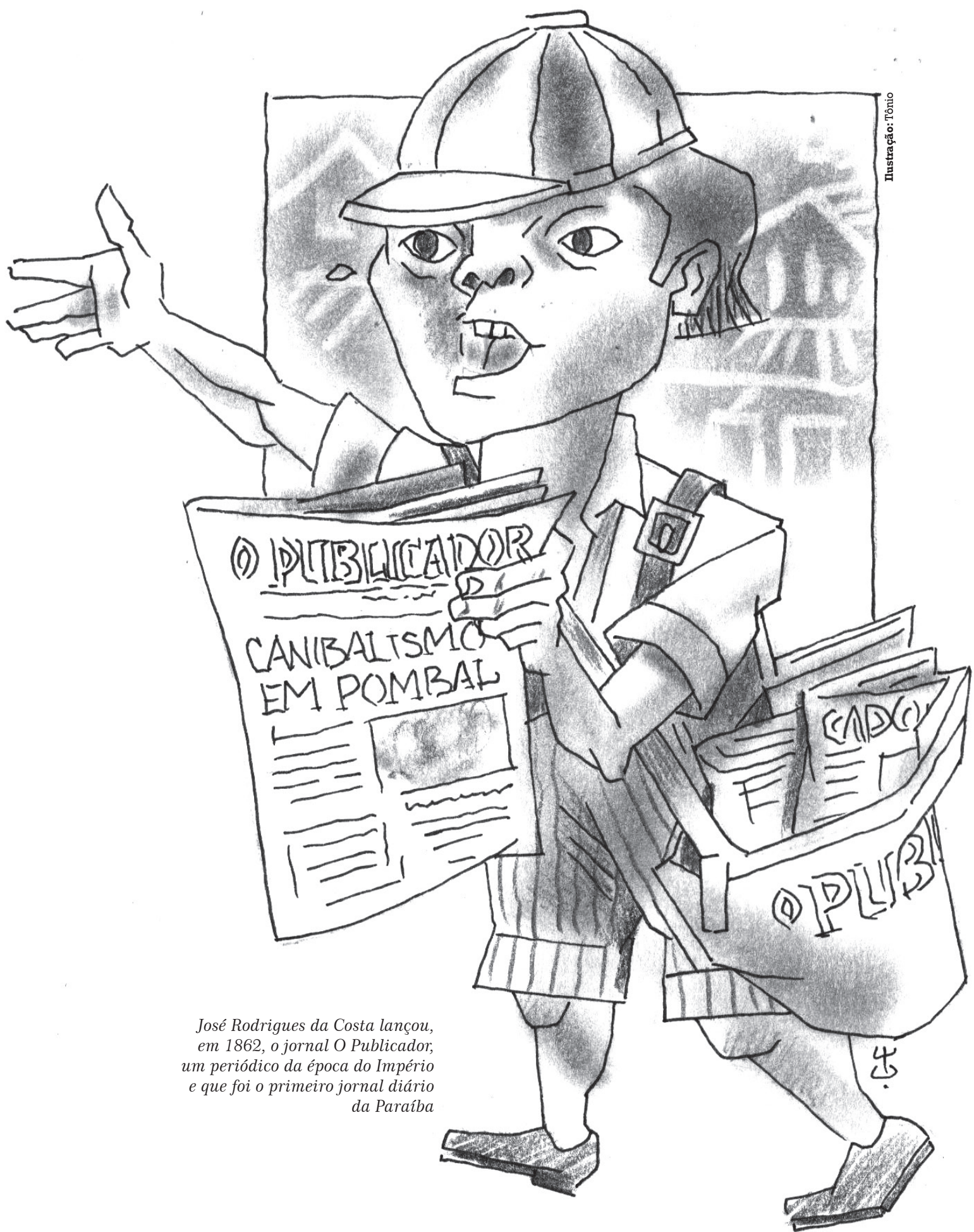
Na Região do Curimataú paraibano, Dona Inês está a 480 metros acima do nível do mar, chegando em determinados pontos a 520 metros de altitude

Memória. Aberto todos os dias, estudantes e turistas podem conhecer e sentir como opera uma casa de farinha, a casa do sisal, e peças de artesanatos. Há uma pequena biblioteca, um auditório e uma réplica de um casebre de massapê e espécies da flora da região.

Na cidade ainda se destacam velhos casarões e a igreja-mãe de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1852, e que em sua frente fica um cruzeiro que demarca a cidade antiga da nova Dona Inês. De acordo com o Sebrae na Paraíba, a cidade tem potencial para se transformar em um polo turístico autossuficiente e rentável.

José Rodrigues da Costa

Tipógrafo e dono de jornal que revelou crime de canibalismo em Pombal



José Rodrigues da Costa lançou, em 1862, o jornal O Publicador, um periódico da época do Império e que foi o primeiro jornal diário da Paraíba

Hilton Gouvêa
amujgouvva7@gmail.com

O tipógrafo paraibano José Rodrigues da Costa, segundo registra a pesquisadora e historiadora Thayná Peixoto, nasceu em 12 de outubro de 1811, na Província da Parahyba do Norte, na atual João Pessoa, onde realizou seus estudos primários e se iniciou nos afazeres da arte tipográfica. Depois de se aperfeiçoar e trabalhar em outras províncias do Império, no retorno à sua terra natal estabeleceu a Typographia José Rodrigues da Costa, que, entre os anos de 1848 e 1862, imprimiu sucessivamente relatórios dos presidentes de província, além de uma média de doze jornais e seis escritos de autores paraibanos, entre 1848 e 1866 (ano de sua morte).

Thayná Cavalcanti Peixoto e autora da obra 'José Rodrigues da Costa: um tipógrafo na Cidade da Parahyba (1848-1866)', editada em 2017 e resultante de sua dissertação no Mestrado em História, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Mesmo após sua morte, os filhos de José da Costa continuaram o seu legado e conservaram o nome do pai como título do estabelecimento tipográfico até o fim do século XIX. Os biógrafos de Rodrigues da Costa afirmam que analisar a trajetória dele é importante, já que era um produtor e difusor da cultura impressa na capital da Província da Parahyba do Norte.

Nesse sentido, os pesquisadores consideram José Rodrigues da Costa um intermediário da cultura escrita, partindo do que disse Robert Darnton: "Intermediários da literatura são aqueles que desempenharam atividades de editores, tipógrafos, impressores, livreiros e congêneres, responsáveis tanto pela produção quanto pela propagação dos impressos em suas respectivas épocas".

"Através a isso, observamos as noções de culturas políticas e redes de sociabilidade, para identificar como as relações sociais estabelecidas pelo tipógrafo influenciaram na construção do que era ou não publicado", afirma Thayná Peixoto. As pesquisas sobre ele baseiam-se em um amplo conjunto de fontes, compostos em sua maioria pelos jornais e escritos identificados como impressos em sua oficina, prevalecendo aí os indícios apontados por Eduardo Martins, no livro intitulado 'A Tipografia do Beco da Misericórdia' (1978), obra recheada de apontamentos históricos sobre a trajetória desse estabelecimento.

Ao longo do período de sua atuação, o tipógrafo se tornou quase que o único editor dos documentos oficiais do governo provincial, chance que conseguiu por meio de relações estabelecidas com personagens políticos influentes à época. Ou seja, além do estabelecimento comercial, José da Costa também circulou por outros espaços sociais, "cuja agenda interferiu na construção de laços

que foram essenciais para sua longa permanência no mercado de imprensa na capital".

Em consequência à criação e ampliação desses laços sociais, José Rodrigues da Costa chegou ao ápice de sua atuação, enquanto um intermediário da cultura impressa, quando lançou, em 1862, um jornal de sua propriedade, O Publicador, um periódico de edições diárias que se tornaria um dos mais duradouros jornais da Paraíba no período imperial. Também foi o primeiro jornal diário da Paraíba.

Seus contemporâneos citam que ele era "um homem de jogo de cintura, que sabia manter O Publicador na proa dos acontecimentos, ora conseguindo notícias explosivas pessoalmente ora transformando-as em matérias, com a permissão, do cliente, de alguns textos a serem impressos na sua tipografia, os quais considerava de conteúdo noticioso. No site Retalhos da História de Campina Grande, constam alguns trechos de como José Rodrigues da Costa conseguiu noticiar o crime de canibalismo de Pombal, 24 dias após o acontecimento.

O homicídio aconteceu na madrugada de 31 de maio de 1877, quando a retirante Donária dos Anjos cometeu crime de canibalismo contra a menina Maria. O Publicador estampou a notícia em 24 de abril do mesmo ano, com uma exatidão de fatos como se o jornal tivesse enviado um repórter para Pombal. Hoje, em estrada asfaltada e de boas condições, um automóvel leva de cinco a seis horas para percorrer a distância de 379 quilômetros entre João Pessoa e Pombal.

Na época do crime, entre Pom-

bal e a capital, levava-se de seis a oito dias em lombo de cavalos, com troca de montarias em Campina Grande. E o caminho era sinuoso, cortado por serras e trechos improvisados por tropeiros. Campina Grande já era considerada o empório do Sertão em 1865, mas não dispunha de uma linha telegráfica.

Há quem admita a hipótese de que a notícia do canibalismo em Pombal chegou até a capital por iniciativa do parente do juiz que atuou no caso. O magistrado teria feito um resumo noticioso do fato e o enviado, por conta própria, para O Publicador, na capital, por meio de uma caravana e tropeiros.

Hoje, a pesquisadora Thayná Peixoto é doutoranda em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ela integra o Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (GPSCNO-UFPB), é sócia da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO) e participa da Red Latino-americana de Cultura Gráfica (RED-CG).

Ela foi editora sênior da Revista Temporalidades (PPGH/UFGM) na gestão 2018-2019; realiza pesquisas nas áreas de História Cultural da Imprensa, da edição, e da leitura; e História do Brasil Imperial. Atualmente é professora substituta do Curso de História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM-Campus JK).



Vista parcial de Pombal, cidade do Sertão paraibano onde, em maio de 1877, ocorreu um crime de canibalismo que foi registrado nas páginas do jornal O Publicador, de José Rodrigues da Costa

Foto: Guia do Turismo Brasil

Jorge Rezende

jorgerezende.imprensa@gmail.com

Jornalismo e otimismo estão indo para o ralo

Costumeiramente sou otimista. Extremamente otimista. Sempre com boas perspectivas em qualquer situação, inclusive em relação à profissão que escolhi para viver – e sobreviver: a de jornalista. Na comunicação trabalha-se, em grande parte, com as más notícias. E isso exige de um profissional da imprensa se ater para um discernimento maior entre as coisas ruins e os fatos positivos. A receita seria exercer sempre o otimismo. Do contrário, corre o risco de tornar-se uma pessoa amarga, negativa, pessimista e até de mal com a vida.



Imagem: Pixabay

Não estou tentando tapar o sol com a peneira, não! E nem estou pregando que devemos ser sonhadores e permanecermos no chamado mundo do "jornalismo romântico". Temos que ser profissionais. E não custa nada sermos profissionais otimistas. Lembrando da obrigação básica: exercer a profissão com responsabilidade, honestidade e sempre prezando pela verdade... A verdade sempre. Mas tá difícil. Muito difícil no mundo atual sermos otimistas com a profissão que escolhemos... Aliás, eu, particularmente, escolhi ser jornalista aos onze anos de idade. Tinha certeza disso. Antes de chegar à profissão de jornalista, fui militar do Exército; estudei por um tempo no campo das Ciências Físicas e Biológicas, para uma habilitação em Matemática; fui garçom, comerciante e estoquista. Mas, enfim, nos estertores dos anos de 1980 cheguei ao mundo da comunicação como havia previsto aos onze anos de idade.

É óbvio que nesses 34 anos de labuta no Jornalismo muitos dos meus sonhos e da ideia de uma "profissão romântica" foram para o ralo. As decepções são grandes. As dificuldades imensas. Porém não perdi o essencial: o prazer e o orgulho de ser jornalista. É esta profissão que me satisfaz. É o que move no dia a dia, na vida. Todavia, revelo: o otimismo também está caminhando para o ralo. Espero que isso não se concretize de vez, mas corra esse risco nos dias atuais.

E por que esse fantasma da desesperança com a profissão?... São muitas as causas. A principal delas é o que estão fazendo (e a gente deixando) com o Jornalismo. Que me corrigam os mais experientes e aqueles que têm outra opinião diferente: a minha sensação é que estamos vivendo o pior momento da profissão de jornalista, no mundo, no Brasil e, principalmente, na Paraíba.

Aqui na Paraíba, admito, teve um tempo muito ruim, muito piores. Condições de trabalho precárias, salários extremamente aviltantes (pra não dizer vergonhosos), perseguições por motivos políticos, assédio moral de todo tipo e até violência. Muita coisa deixou de estar na "idade da pedra"... Houve algumas melhoras... Mas a sensação que se tem hoje é que estamos andando pra trás. Começando pelos salários voltando a ser quase que "pornográficos" e a desvalorização da profissão – que sempre fazemos de conta que não nos incomoda – voltou na velocidade da luz. E tudo isso tem a ver com um mercado de trabalho cada vez mais escasso e, principalmente, com a proliferação de picaretas em nosso meio. Picaretas profissionais – que nem formação para ser radialista ou jornalista têm –, e profissionais picaretas – com formação, mas que abraçaram o esdrúxulo, a conivência com o que há de pior na sociedade, que se atrelam às mentiras, à desinformação e ao que há de mais podre, por exemplo, no mundo da política.

E a culpa é de quem? Dos governos? Dos patrões? Da eterna crise mundial? Da política terraplanista? Dos tempos modernos? Da inversão de valores? Das novas tecnologias? Dos comportamentos de veneração à violência e à banalidade?... Até pode ser tudo isso. Mas a culpa maior é nossa. Da gente que sobrevive da profissão e que deixamos, paulatinamente, a tomada da comunicação pela pior banda dos que se dizem comunicadores.

É um momento difícil e, aqui na Paraíba, centenas de profissionais de primeira linha desempregados ou sobrevivendo de sobremargens. É triste. É vergonhoso... É de corromper qualquer otimismo que vem sendo cultivado há nos...

O mercado de trabalho para jornalistas está em frangalhos. Uma carreira que nas últimas décadas até vem tendo na sua área de atuação uma maior diversificação. Porém está em um mercado que absorve mão de obra barata e até despreparada para atender "às novas demandas". A concorrência está muito desleal. O bom profissional disputando espaços com os picaretas.

Excepcionalmente, na coluna de hoje não teremos o texto da jornalista Angélica Lúcio.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A época dos festivais – Outros festivais – III

Em 1981, entre os meses de março e setembro, a mesma Rede Globo organizou o MPB-Shell Especial para o qual foram oficialmente classificadas 59 músicas (das sessenta previstas, uma não teve a inscrição homologada), com participantes não só de vários estados do Brasil, como também de Portugal e de países latino-americanos – Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Dentre as classificadas, doze foram selecionadas. A finalíssima aconteceu também no ginásio do Maracanãzinho, e contou com a direção geral de Augusto César Vannucci e Guto Graça Mello. Houve uma diversidade de músicas com ritmos variados, desde xotes a rocks e baladas românticas. Ficou evidente, nesse Festival, a influência e o comando do selo da gravadora Som Livre, da Globo. A primeira colocada foi 'Purpurina', de Jerônimo Jardim, defendida pela carioca Lucinha Lins (então casada com Ivan Lins), que recebeu uma sonora vaia de um público que se havia deixado cativar pela criação 'Planeta Água', de Guilherme Arantes, defendida por ele próprio, e que obteve o 2º lugar; 'Mordomia', um sam-



Foto: Reprodução

ba de Ari do Cavaco e Gracinha, no melhor estilo "velha guarda", obteve o 3º lugar, com interpretação de Almir Guineto.

Em tempo: até como uma espécie de "descalço", Lucinha Lins levou o prêmio de melhor intérprete.

Em 1982, também de março a setembro, foi repetido o MPB-Shell, com a seleção preliminar de sessenta músicas concorrentes, com a presença também diversificada entre rocks, boleros, tangos e a chamada música regional. Após as seis eliminatórias, de que participaram FaFá de Belém, que levou prêmio de melhor intérprete feminina, com 'Caso Especial', de Sônia Burnier e Sônia Hirsch. Além dela, participaram Joyce, Elza Soares, Leny Andrade, Nana Caymmi, Nara Leão, Nelson Gonçalves, Dicró, Hermeto Pascoal, Flávio Venturini, Arrigo Barnabé, Almir Sater, Sá & Guarabira, Dominginhos, entre outros. O vencedor foi o samba 'Pelo amor de Deus', de Paulo Debéto e Paulo Rezende, defendido por Emílio Santiago; o 2º lugar ficou com 'Fruto do Suor', de Tony Osanah e Enrique Bergen, com interpretação do grupo Raíces de América; 'Doce Mistério – Tentação', de Tunai e Sérgio Natureza, com Jane Duboc, conseguiu o 3º lugar. O prêmio de melhor intérprete masculino ficou com Cauby Peixoto, que defendeu a composição 'Ria de mim', de Guilherme Arantes.



Na Antártida, as estações de pesquisa adotam o fuso horário do país que as opera; no Ártico, os horários são flexíveis

FUSOS HORÁRIOS

Há locais na Terra onde as horas são sempre as mesmas

Nos polos, o tempo é mais flexível devido à inclinação do planeta, sem distinção de dia e noite

Da Redação

Mudar a hora do relógio duas vezes por ano é chato (no caso dos países onde se adota o chamado horário de verão), menos em dois lugares do planeta, onde isso não acontece. Nos polos, o tempo é muito mais flexível, uma vez que, devido à inclinação do planeta, não há distinção entre o dia e a noite. Nos Polos Norte e Sul, o desafio é a compreensão tradicional do tempo.

De acordo com o site Zap, se por um lado na Antártida as estações de pesquisa adotam o fuso horário do país que as opera, por outro, no Ártico, quem por lá passa é que define a hora. No Pólo Sul (Antártida), onde aproximadamente cinco mil cientistas permanecem durante o verão e cerca de mil durante o inverno rigoroso, as zonas horárias não estão padronizadas.

Para coerência logística, os habitantes temporários da Antártida seguem as zonas horárias dos respectivos países de origem. Por exemplo, a Estação do Polo Sul Amundsen-Scott funciona no horário da Nova Zelândia. Isto pode significar que, em alguns casos, haja igualmente ajustes no

fuso horário, tal como fariam nos seus países de origem.

Já no Pólo Norte (Ártico), a situação de marcação de tempo é ainda mais idiossincrática. A hora é escolhida "à discrição", como explica o IFLScience. Os navios que ali passam, por vezes, operam em zonas horárias completamente diferentes de outros navios com que eles cruzam. Ou seja, para os capitães das embarcações, o Ártico oferece a rara liberdade de escolher a própria hora.

Essa flexibilidade na marcação de tempo nos polos contrasta fortemente com os esforços em países, como Portugal, onde se debatem propostas para

estabelecer uma zona horária permanente, para evitar o ritual bianual de mudar a hora do relógio.

Enquanto a maioria das pessoas continua lamentando sobre essas mudanças que afetam até os ritmos cardíacos,

os polos servem como exceções fascinantes, levantando questões sobre a aderência rígida da civilização ao tempo, num mundo cada vez mais globalizado.



Em um mundo globalizado, nos polos a contagem do tempo segue com exceções



Charada

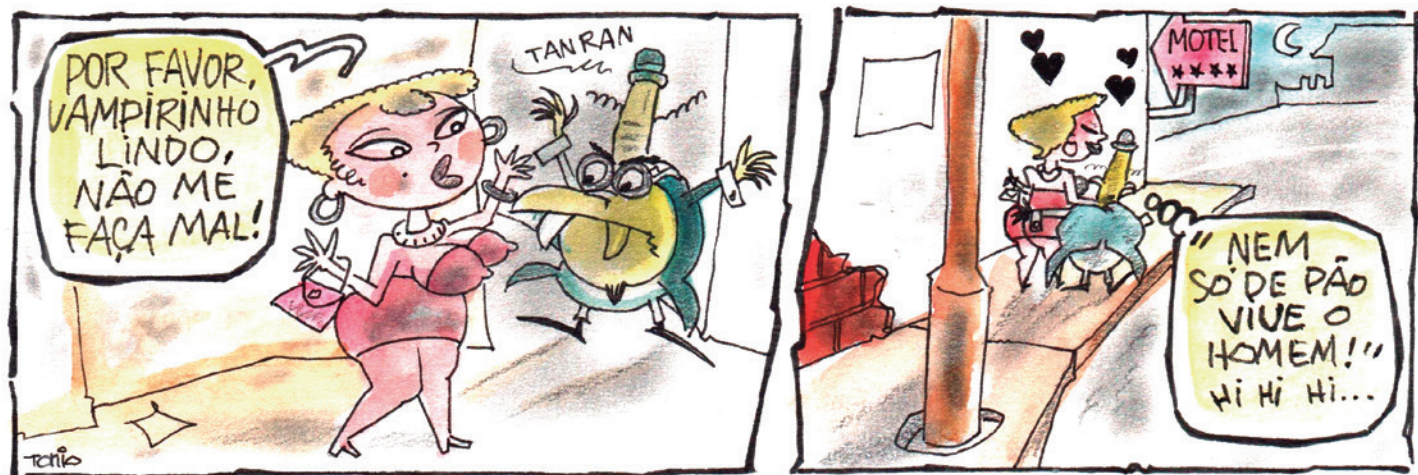
Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: sino (3) = campana + curso de água corrente (2) = rio. **Solução:** torre da igreja (5) = campanário. **Charada de hoje:** meu rosto (2) sempre sujo (2), quando degusto um bombom (4).

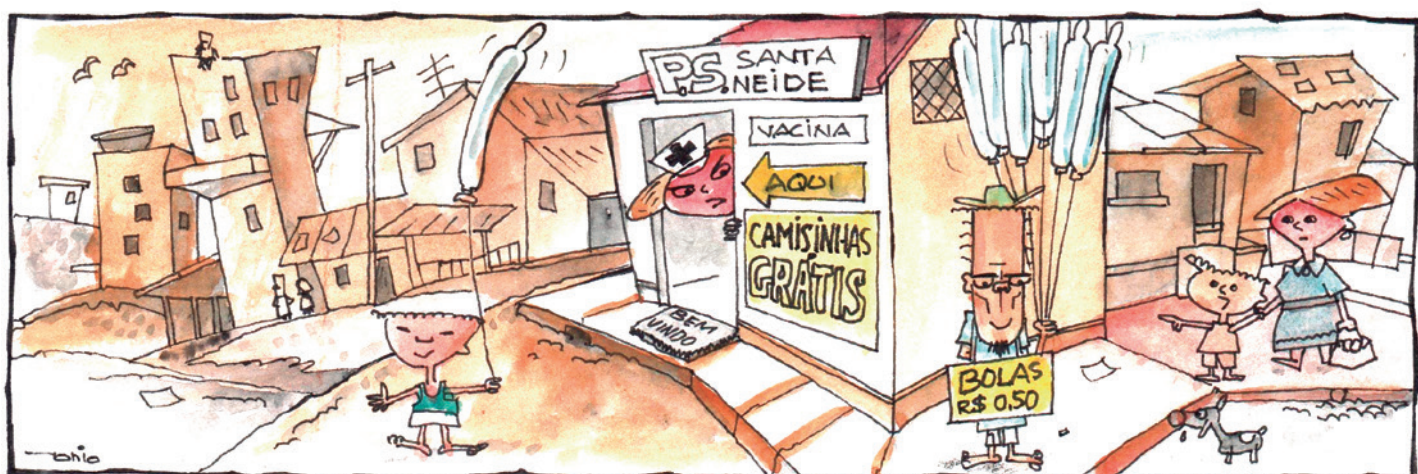
Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!



Foto: Divulgação

Evento multiesportivo

Os Jogos Pan-Americanos de 2023, oficialmente denominados como XIX Jogos Pan-Americanos e coloquialmente Santiago 2023, são um evento multiesportivo que está sendo realizado desde o último dia 20 de outubro e se encerrará no próximo dia 5 de novembro, na Cidade de Santiago, capital do Chile.

Diferenças entre Pan e Olimpíadas

Nos Jogos Pan Americano tem modalidades conhecidas como boliche e patinação artística em rodas. No entanto, também há a presença de esportes inusitados, no qual, a maioria das pessoas nem entende só de ouvir o nome. As Olimpíadas e os Jogos Pan-Americanos aparentam ser competições iguais, como a questão de ambas serem realizadas de quatro em quatro anos. No entanto, os torneios têm as suas diferenças, as modalidades presentes no evento das Américas às vezes não está incluída na maior prova de esportes mundial.

Boliche e esqui aquático

O boliche, por exemplo, só tem no Pan. É um esporte que tem como objetivo derrubar com uma bola pesada os vários pinos colocados de forma triangular no fundo da pista. Outro esporte que não está nas Olimpíadas é o esqui aquático, em que um esquiador fica agarrado por um cabo de cerca de 20 metros a um barco a motor, que deve manter velocidades médias entre os 35 e os 55 quilômetros horários. km/hora.

Patinação artística e de velocidade

A patinação artística em rodas é um esporte semelhante à patinação artística no gelo, mas onde os competidores usam patins com quatro rodas em vez de patins com lâminas côncavas. Outra modalidade diferente é a patinação de velocidade inline, uma disputa de ritmo rápido, com alguns atletas alcançando velocidades de até 50 quilômetros horários. A modalidade é geralmente realizada em pistas com pisos inclinados ou em circuitos de estradas fechadas.

Pelota basca e raquetebol

A pelota basca no Pan é uma modalidade esportiva que pode ser jogada com uma cesta de ponta, raquete, bastão de madeira ou mesmo com as mãos. O raquetebol tem uma raquete encordoada usada para servir e devolver a bola. O squash é uma modalidade baseada nos princípios do tênis. E na modalidade de wakeboard o esportista posiciona-se em uma prancha semelhante a de surf e é puxado por uma lancha.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - janela; 2 - cabelo; 3 - cavanhaque; 4 - tapete; 5 - carrapato; 6 - cobra; 7 - nota musical; 8 - brinco; 9 - muro